



O ÚLTIMO SUSPIRO

A Detetive Erika Foster está de volta para desvendar
uma trama que vai deixar você sem fôlego

ROBERT BRYNDZA

Autor dos best-sellers *A garota no gelo*, *Uma sombra na escuridão* e *Sob águas escuras*

 GUTENBERG

Copyright © 2017 Robert Bryndza

Copyright © 2018 Editora Gutenberg

Título original: *Last Breath*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA

Silvia Tocci Masini

ASSISTENTE EDITORIAL

Andresa Vidal Vilchenski

PREPARAÇÃO

Nilce Xavier

REVISÃO

Silvia Tocci Masini

Andresa Vidal Vilchenski

CAPA

Alberto Bittencourt (sobre imagens de Henry Steadman)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP,
Brasil)**

Bryndza, Robert

O último suspiro / Robert Bryndza ; tradução Marcelo Hauck. -- 1.ed. -- Belo Horizonte :
Gutenberg Editora, 2018.

Título original: Last Breath.

ISBN 978-85-8235-544-2

1. Ficção inglesa I. Título.

18-20152 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

www.editoragutenberg.com.br

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César .

01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401

Centro . 20030-080

Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Para Veronika, Filip e Evie.

Os monstros
mais
assustadores
são os que se
escondem na
alma.
Edgar Allan Poe

PRÓLOGO

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2016

Eram três horas da manhã e o fedor do cadáver tomava conta do carro. O calor não dava trégua havia dias. Ele dirigia com o ar-condicionado no máximo, mas, mesmo assim, o cheiro dela no porta-malas impregnava o veículo. A garota decompunha-se depressa.

Tinha colocado o corpo ali duas horas antes. As moscas haviam começado a procurá-la e, na escuridão, ele abanava os braços para espantá-las. Achou graça da maneira como se agitava e se debatia. Se ainda estivesse viva, ela provavelmente também teria rido.

Apesar do risco, ele gostava dessas excursões noturnas em que dirigia pela rodovia deserta e entrava em Londres pelos bairros afastados do centro. Duas ruas atrás, tinha apagado o farol e, ao virar em uma decadente rua residencial, desligou o motor. O carro, que se movimentava silenciosamente em ponto morto, passou diante das janelas escuras das casas e chegou ao final de uma descida onde uma pequena e deserta estamperia tornou-se visível. O prédio ficava afastado da rua e possuía um estacionamento mergulhado nas sombras das árvores altas que se enfileiravam na calçada, enquanto o entorno era iluminado pelo opaco brilho alaranjado da poluição da cidade. Ele entrou no estacionamento, sacolejando ao passar por cima das raízes das árvores que quebraram o asfalto à força. Foi até uma fileira de caçambas de lixo ao lado da entrada da estamperia, fez uma curva fechada para a esquerda e parou, deixando menos de trinta centímetros entre o porta-malas e a última caçamba.

Permaneceu um momento sentado e em silêncio. As casas em frente estavam encobertas pelas árvores e ao lado do estacionamento havia apenas a parede de tijolos da última casa de uma fileira de residências que se estendia pela rua. Inclinou-se na

direção do porta-luvas e pegou uma luva de látex. Saiu do carro e sentiu o calor do asfalto subindo. As luvas ficaram molhadas por dentro em questão de segundos. Quando abriu o porta-malas do carro, uma varejeira-azul saiu zumbindo e pousou em seu rosto. Abanou os braços para espantá-la e cuspiu.

Levantou a tampa da caçamba e quase foi nocauteado pelo cheiro; mais moscas nojentas que botavam ovos em meio ao lixo apodrecido voaram para cima dele. Espantou-as com as mãos, soltou um gemido e cuspiu de novo, depois foi até o porta-malas do carro.

Ela tinha sido tão bonita, inclusive no fim, apenas algumas horas antes, quando chorava e implorava, com o cabelo oleoso e as roupas imundas. Agora não passava de uma coisa molenga. Seu corpo não era mais necessário, nem para ela nem para ele.

Sem fazer nenhum esforço, ele a levantou, retirando o corpo do porta-malas, e o deitou de comprido sobre os sacos pretos dentro da caçamba de lixo, fechando a tampa em seguida. Deu uma olhada ao redor. Estava sozinho, ainda mais agora que a havia desovado. Voltou ao carro e começou sua longa viagem de volta para casa.

Horas depois naquela manhã, uma vizinha da frente caminhou até a estamperia com um volumoso saco preto. Não recolhiam o lixo nos feriados e seus sogros estavam tomando conta do neném recém-nascido. Levantou a tampa da primeira caçamba para jogar o saco lá dentro e uma nuvem de moscas explodiu sobre ela. A moça recuou, agitando o braço. E então viu, deitado sobre os sacos pretos, o corpo da jovem. Ela tinha sido barbaramente espancada: um dos olhos estava fechado de tão inchado, havia cortes profundos na cabeça, e o corpo estava repleto de moscas no calor do início da manhã.

Então sentiu o cheiro. Largou o saco preto e vomitou no asfalto quente.

Capítulo 1

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 2017

A Detetive Inspetora Chefe Erika Foster observava o Detetive James Peterson esfregar uma toalha em seus *dreads* curtos para enxugar os flocos derretidos de neve. Ele era alto e magro e tinha a combinação certa de arrogância e charme. As cortinas estavam bem fechadas, a neve caía aos rodopios lá fora, a televisão emitia um confortável ruído de fundo e o pequeno quarto-e-sala era banhado pela suave e acolhedora luz de dois abajures novos. Após um longo dia de trabalho, Erika tinha se conformado em tomar um banho quente e dormir cedo, mas Peterson havia ligado do restaurante especializado em peixe empanado com batata frita que ficava na esquina, perguntando se ela estava com fome. Antes que pudesse pensar em uma desculpa, tinha respondido sim. Haviam trabalhado juntos antes em várias investigações de assassinatos bem-sucedidas comandadas por Erika, no entanto agora estavam em unidades diferentes: Peterson integrava a Equipe de Investigação de Assassinatos e Erika trabalhava com a Equipe de Projetos – um cargo que rapidamente passou a odiar.

Peterson foi até o aquecedor e dependurou com perfeição a toalha antes de virar-se para ela com um sorriso.

– Está caindo uma nevasca lá fora – comentou, juntando as mãos e soprando entre elas.

– Seu Natal foi bom? – ela perguntou.

– Foi legal, passei com os meus pais. Meu primo ficou noivo – ele respondeu, tirando a jaqueta de couro.

– Parabéns... – felicitou ela, sem conseguir lembrar se tinha ouvido falar de algum primo.

– E você? Estava na Eslováquia?

– Estava, com minha irmã e minha família. Dividi um beliche com a minha sobrinha... Quer uma cerveja?

– Adoraria.

Peterson pendurou a jaqueta no encosto do sofá e se sentou. Erika abriu a geladeira e deu uma espiada. Um fardo de seis cervejas estava na gaveta de verduras, e a única comida era uma panelinha com uma sopa de dias atrás na prateleira de cima. Tentou dar uma conferida em seu reflexo na lateral metálica da panela, mas o formato curvo o distorceu, deixando-a com um rosto espremido e a testa protuberante, como em um espelho de espetáculo de horrores. Devia ter mentido educadamente que já tinha jantado.

Meses antes, após alguns drinques em um pub com os colegas, Erika e Peterson tinham acabado juntos na cama. Embora nenhum dos dois achasse que tinha sido *só mais uma* noite, desde então mantinham a relação estritamente profissional. Haviam passado mais duas noites juntos antes do Natal e em ambas ela tinha ido embora antes do café da manhã. Mas agora ele estava no apartamento dela, os dois sóbrios, e o porta-retratos dourado com a foto de seu falecido marido, Mark, estava na prateleira de livros junto à janela.

Erika tentou não dar vazão para a ansiedade e a culpa que lhe invadiam, pegou duas cervejas e fechou a porta da geladeira. A sacola plástica do restaurante estava na bancada e o cheiro a fez salivar.

– Você gosta de comer o peixe enrolado no papel? – ela perguntou, tirando a tampinha das cervejas.

– É o único jeito de comer esse negócio – respondeu Peterson. Com um braço largado sobre o encosto do sofá e um tornozelo apoiado no joelho da outra perna, aparentava estar confiante e à vontade.

Erika sabia que quebraria o clima, mas tinham que ter uma conversa, ela precisava estabelecer alguns limites. Pegou dois pratos e os levou com as sacolas e as cervejas até a mesinha de centro. Em silêncio, desembrulharam a comida, o vapor do peixe empanado e das batatas, macios e dourados, elevou-se. Comeram durante um momento.

– Olha só, Peterson. James... – começou Erika.

Nesse momento, o telefone dele tocou e o detetive o tirou do bolso.

– Desculpe, tenho que atender.

Erika acenou para que prosseguisse. Ele atendeu o telefone e ouviu com a testa franzida.

– Sério? Okay, sem problema, qual é o endereço? – Ele pegou uma caneta na mesa e começou a escrever no canto da embalagem de comida. – Estou perto. Posso sair agora e segurar as pontas até você chegar lá... Vá com cuidado com esse tempo lá fora. – Ele desligou, enfiou uma mãozada de batata na boca e se levantou.

– O que foi? – perguntou Erika.

– Uns estudantes acharam o corpo mutilado de uma jovem em uma lata de lixo.

– Onde?

– Tattersall Road, perto de New Cross... Cacete, essa batata é das boas – elogiou, enfiando mais um punhado na boca. Pegou a jaqueta de couro no encosto do sofá e conferiu se estava com o distintivo, a carteira e as chaves do carro.

Erika sentiu mais uma pontada de arrependimento por não estar mais na Equipe de Investigação de Assassinatos.

– Desculpe, Erika. Vamos ter que continuar isso aqui outra hora. Achei que teria a noite livre hoje. O que você ia falar?

– Tranquilo. Não era nada. Quem te ligou?

– A Detetive Inspetora Chefe Hudson. Ela está presa na neve. Não presa, mas está vindo do centro de Londres e as estradas estão ruins.

– New Cross é aqui perto. Vou com você – ela se ofereceu, pondo o prato na mesa e pegando a carteira e o distintivo na bancada da cozinha.

Peterson a seguiu até a porta enquanto vestia a jaqueta. Erika deu uma conferida em seu reflexo no espelhinho na saída, limpou a gordura da batata no canto da boca e passou a mão no cabelo loiro curto. Estava sem maquiagem e, apesar das maçãs do rosto

salientes, notou que as bochechas estavam mais cheias depois de uma semana com comidas deliciosas de Natal. Os olhos dos dois encontraram-se no espelho e ela viu que o rosto de Peterson havia se anuviado.

– Algum problema?

– Não. Só que a gente vai no meu carro – ele respondeu.

– Não. Vou no meu carro.

– Você vai impor sua autoridade para cima de mim agora?

– Do que é que está falando? Você pega o seu carro, eu pego o meu. A gente vai em comboio.

– Erika. Vim aqui para jantar...

– Só jantar? – questionou ela.

– O que está querendo dizer?

– Nada. Você recebeu uma ligação do trabalho, e me parece perfeitamente razoável, como oficial superior a você, comparecer ao local. Ainda mais com a Detetive Inspetora Chefe Hudson atrasada... – sua voz desvaneceu, ela sabia que estava forçando a barra.

– “Oficial superior”. Você nunca vai me deixar esquecer isso, vai?

– Espero que não se esqueça – ela o repreendeu, vestindo o casaco. Apagou a luz e os dois saíram do apartamento em um silêncio desconfortável.

Capítulo 2

O farol do carro de Erika iluminava a neve que caía forte, enquanto ela mudava de pista para escapar do trânsito; passou pela estação de trem de New Cross e virou na Tattersall Road. Um momento depois, Peterson apareceu atrás dela. Na esquina em que as duas ruas se encontravam, havia uma loja de cozinhas planejadas com um grande estacionamento. A neve sobre a calçada parecia um tapete com vários tons de branco, que refletia as intermitentes luzes azuis de três viaturas paradas na rua. Uma fileira de casas geminadas estendia-se pela ladeira, e Erika viu alguns dos vizinhos aglomerados às portas iluminadas, observando os agentes desenrolarem a fita para isolar o estacionamento da loja, que dava para os fundos da primeira residência. Erika ficou satisfeita ao ver a Detetive Inspetora Moss de pé na calçada, diante do cordão de isolamento, conversando com um policial. Era uma colega confiável e, juntamente com Peterson, tinham trabalhado em várias investigações de assassinato. Erika e Peterson encontraram vagas do outro lado da rua, depois a atravessaram.

– Bom te ver, chefe – cumprimentou Moss, erguendo as lapelas do casaco para se proteger da neve que caía incessante. Ela era uma mulher baixa, corpulenta, de cabelo ruivo curto e o rosto coberto de sardas. – Está aqui para comandar a investigação?

Erika respondeu “sim” ao mesmo tempo em que Peterson disse “não”.

– Pode nos dar licença um momento? – disse Moss, dirigindo-se ao policial.

Ele despediu-se com um aceno de cabeça e saiu na direção de uma das viaturas.

– Eu estava com o Peterson quando ele recebeu a ligação – explicou Erika.

- É sempre ótimo ter você nessas situações, chefe - disse Moss.
- É que eu achei que a Inspetora Chefe Hudson comandaria a investigação.

- Vou ficar aqui até ela chegar - esclareceu Erika, piscando por causa da nevasca. Moss olhou para os dois e houve um silêncio constrangedor.

- Então, posso ver com o que é que estamos lidando? - perguntou Erika.

- Corpo de uma jovem, severamente espancado - Moss informou. - O tempo ruim também está atrasando os peritos e o pessoal da criminalística. Os policiais atenderam ao chamado. Uma das estudantes que mora na casa da esquina de lá foi às latas de lixo e achou o corpo.

- Já temos macacões para entrarmos na cena do crime? - perguntou Erika.

Moss fez que sim. Eles se aproximaram da fita de isolamento atravessada no portão do estacionamento, e foi constrangedor o momento em que Erika aguardou Peterson suspendê-la. Erika lhe disparou um olhar, Peterson levantou a fita e ela entrou no estacionamento.

- Putz, mas que inferno, será que eles viraram um casal? - Moss murmurou para si mesma. - Todo mundo fala que não devemos trabalhar com crianças nem animais, mas sempre se esquecem de falar dos casais.

Ela seguiu em frente, juntou-se a Erika e Peterson e também começou a vestir o macacão. Depois, passaram por baixo de outra fita e se aproximaram de uma grande lata de lixo industrial acorrentada à parede de tijolos da loja de cozinhas planejadas. A tampa estava aberta. Moss apontou o poderoso feixe de uma lanterna para o interior dela.

- Meu Deus - espantou-se Peterson, dando um passo atrás e colocando a mão na boca.

Erika não recuou, permaneceu olhando atentamente.

Deitada sobre a lateral direita do corpo, em cima de um monte de caixas de papelão desmontadas e perfeitamente empilhadas,

encontrava-se o corpo de uma mulher jovem. Tinha sido barbaramente espancada, os olhos estavam fechados de tão inchados e o comprido cabelo castanho, emaranhado com sangue coagulado. Nua da cintura para baixo, as pernas estavam talhadas de cortes e feridas profundas. Vestia uma camiseta de malha pequena, mas era impossível dizer de que cor havia sido, pois ela também estava saturada de sangue.

– E olhem – disse Moss com suavidade. Ela apontou a lanterna para o topo da cabeça da garota, iluminando o local em que o crânio estava afundado.

– E foram os estudantes que a encontraram? – perguntou Erika.

– Eles estavam esperando do lado de fora quando os guardas chegaram – respondeu Moss. – Como podem ver, a porta da casa deles dá direto no estacionamento, então não pudemos deixá-los entrar de novo quando isolamos a cena do crime.

– Onde eles estão?

– Os guardas os colocaram em um carro no final da rua.

– Vamos deixar isso fechado até os peritos chegarem – orientou Erika, notando que a neve formava uma camada fina sobre o corpo e nas caixas de papelão ao redor dele.

Usando luvas, Peterson pôs as mãos na caçamba e fechou a tampa lentamente, isolando o corpo das intempéries. Ouviram vozes perto da fita de isolamento e o bipe de um rádio. Eles se aproximaram de onde estavam a Detetive Inspetora Chefe Hudson, uma mulher pequena, de cabelos loiros e fino cortados em um estilo chanel despojado, e o Superintendente Sparks, um homem alto e magro de rosto pálido esburacado de cicatrizes de espinha. Seu cabelo preto oleoso estava penteado para trás, e seu terno, imundo.

– Erika! O que está fazendo aqui? Pelo que ouvi falar, você estava em uma galáxia muito, muito distante – comentou ele.

– Estou em Bromley – respondeu Erika.

– Dá no mesmo.

A Inspetora Hudson reprimiu uma risada.

– Ai, ai, muito engraçado – disse Erika. – Tanto quanto a garota que foi espancada até a morte e largada em uma caçamba logo ali...

Hudson e Sparks fecharam seus sorrisinhos maliciosos.

– Erika só veio dar uma ajuda. O clima estava atrasando os procedimentos e ela mora aqui perto – explicou Moss.

– Ela estava comigo quando recebi a ligação. Também moro aqui perto – começou Peterson, mas Erika o interrompeu com um olhar duro.

– Entendi – disse Sparks, percebendo o olhar. Ele fez uma pausa, como se estivesse arquivando aquilo na mente para usar posteriormente contra ela. Em seguida, foi até a fita de isolamento e a levantou com uma das mãos coberta por uma luva preta.

– Não se esqueça de deixar o seu macacão aí, Erika. Depois me espere do lado de fora. Precisamos ter uma conversinha.

Moss e Peterson iam falar mais alguma coisa, mas Erika pediu que ficassem quietos com um discreto gesto de cabeça e saiu do perímetro isolado pela fita policial.

Capítulo 3

Erika foi embora do local do crime, afastou-se um pouco na rua e começou a andar de um lado para o outro sob o foco de luz alaranjado de um dos postes. A neve caía em fortes rajadas, ela se agachou, levantou a gola da jaqueta e enfiou as mãos no fundo dos bolsos. Sentia-se impotente, como um jogador assistindo à partida do banco de reservas, quando viu uma van preta da perícia forense estacionar na calçada exatamente em frente ao cordão de isolamento. Apesar da temperatura congelante, não queria voltar para o carro. No porta-luvas, mantinha um maço de cigarro para emergências. Tinha parado de fumar alguns meses atrás, porém, em momentos de estresse, ainda sentia o desejo pela nicotina corroer-lhe por dentro. Entretanto, recusava-se a deixar que Sparks fosse a razão para ela ceder e acender um cigarro. Ele saiu pelos portões alguns minutos depois e caminhou bem na direção dela.

– Erika, por que você veio para cá? – perguntou o superintendente. Sob a luz do poste, ela percebeu que o cabelo dele tinha indícios grisalhos e que seu corpo estava bem mais magro.

– Já te falei, eu soube que a Detetive Inspetora Chefe Hudson estava atrasada.

– Quem te falou?

Erika hesitou:

– Eu estava com Peterson quando ele recebeu a ligação, mas quero deixar claro que não é culpa dele. Não lhe dei muita escolha.

– Você estava *com* ele?

– Estava...

– Curtindo um negocinho diferente, né? – completou ele com um sorriso malicioso. Apesar do ar gelado, Erika sentiu o calor ruborizar suas bochechas.

– Isso não é da sua conta.

– E a minha cena de crime também não é da sua conta. Sou eu que estou no comando das Equipes de Investigação de Assassinatos. Você não trabalha para mim e não é bem-vinda. Então vai se foder e some daqui.

Erika se aproximou, olhou bem nos olhos dele e disse:

– O que você acabou de falar?

O bafo de Sparks estava rançoso e azedo.

– Você me ouviu, Erika. Vai se foder e some daqui. Você não veio ajudar, veio se intrometer. Eu sei que fez uma solicitação para ser transferida de volta para uma das Equipes de Investigação de Assassinatos. Que ironia! Depois de ter feito todo aquele showzinho pedindo para sair quando eu fui promovido e você não.

Erika o encarava. Sabia que ele a odiava, porém, no passado, uma fina camada de polidez tinha coberto as interações entre os dois.

– Não se atreva a falar assim comigo de novo – ela ameaçou.

– Não fale assim comigo de novo, *senhor*.

– Quer saber, Sparks, você pode ter ganhado a sua patente superior lambendo o saco dos outros por aí, mas ainda tem que conquistar sua autoridade – disse Erika, com os olhos cravados nos dele. A neve estava mais forte e os grandes flocos que caíam ficavam agarrados no blazer dele. Ela se recusava a piscar ou desviar o olhar. Um policial se aproximou e Sparks foi obrigado a deixar de encará-la.

– O que foi? – vociferou ele.

– Senhor, o perito responsável pela cena do crime está aqui, e o cara que gerencia a loja de cozinhas planejadas também está a caminho para que a gente possa descobrir o que ele sabe.

– Quero você fora da minha cena de crime – afirmou Sparks antes de sair pisando duro na direção da fita de isolamento ao lado do policial, deixando pegadas na neve.

Erika respirou fundo e se recompôs, sentindo as lágrimas ardendo nos olhos.

- Pare com isso, ele é só mais um cuzão do trabalho - repreendeu-se. - Podia ser você deitada naquela caçamba.

Enxugou as lágrimas do rosto e começou a voltar para o carro. Passou por uma viatura com a luz interna acesa e, lá dentro, conseguiu discernir três jovens: duas garotas atrás e um garoto loiro na frente. O rapaz estava inclinado entre os bancos e eles conversavam intensamente. Erika diminuiu o passo e parou.

- Ah, que se foda! - ela disse.

Deu meia-volta e foi até o carro. Conferiu se não havia mais ninguém por ali, bateu na janela e abriu a porta, mostrando o distintivo.

- Vocês são os estudantes que acharam o corpo? - perguntou. Eles olharam para ela e confirmaram com gestos de cabeça e os rostos ainda em choque. Aparentavam não ter mais de 18 anos. - Já falaram com algum policial? - acrescentou ela, inclinando-se para dentro do carro.

- Não, estamos aqui há uma eternidade. Falaram pra gente esperar, mas estamos congelando - respondeu o rapaz.

- O meu carro está do outro lado da rua. Vamos bater um papo com o ar quente ligado - falou Erika.

Capítulo 4

Erika ajustou os comandos no painel de seu carro e uma rajada quente começou a soprar com força nas saídas de ar. O rapaz sentou-se ao lado dela, no banco do passageiro, esfregando os braços. Era loiro, magro, tinha a pele malcuidada e estava de camiseta, jaqueta fina e calça jeans. As duas garotas sentaram no banco traseiro. A primeira se sentou atrás de Erika, era bonita e tinha a pele cor de caramelo. Estava de calça jeans, suéter vermelho e um *hijab* roxo preso no lado esquerdo do pescoço com um broche prata em forma de borboleta. A outra garota era baixa, gordinha e tinha cabelos castanhos na altura do queixo. Os dois dentes da frente eram proeminentes, dando ao rosto uma aparência que lembrava a de um coelho. Ela estava com um roupão pêssego felpudo e imundo.

– Qual é o nome de vocês? – perguntou Erika, pegando um caderninho na bolsa e o apoiando no volante.

– Sou Josh McCaul – respondeu o garoto.

A detetive esfregou a caneta no papel, pois não estava funcionando.

– Você pode dar uma olhada se tem outra no porta-luvas? – pediu Erika.

O garoto inclinou-se para a frente e sua camiseta subiu atrás, deixando à mostra a tatuagem de uma folha de maconha na base da coluna. Ele revirou os pacotes velhos de bala, o maço de Marlboro para emergências e entregou a ela uma caneta esferográfica.

– Você me dá um? – pediu, ao encontrar um pacote de bombons pela metade.

– Fique à vontade – disse ela. – Vocês duas querem um?

– Não – recusou a menina de *hijab*, acrescentando que seu nome era Aashirya Khan. A segunda garota também recusou o chocolate.

– Sou Rachel Dawkes, sem “a”...

– Ela está falando que o Rachel é sem o “a”, não o Dawkes. Ela tem a maior implicância com isso – disse Josh, desembrulhando o segundo bombom.

Rachel contraiu os lábios demonstrando que não gostou do comentário e ajeitou as dobras do roupão.

– Vocês todos moram no apartamento ao lado da loja de cozinhas planejadas? – perguntou Erika.

– Moramos. Estudamos na Universidade Goldsmiths – respondeu Rachel. – Estou fazendo Inglês e Aashirya também. Josh está no curso de Artes.

– Vocês ouviram ou viram alguma coisa suspeita nos últimos dias, alguém rondando aquelas caçambas ou o estacionamento da loja?

Aashirya se remexeu no banco, cruzou os braços no colo e ficou observando com seus grandes olhos os peritos que naquele momento passavam pela casa deles e entravam no estacionamento.

– Esta área é barra pesada, sempre ouvimos tiros e gritos à noite – disse ela antes de começar a chorar.

Rachel inclinou-se para dar um abraço na amiga. Josh mastigava o que tinha restado do chocolate e estava com dificuldade de engoli-lo.

– Como assim, tiros e gritos? – perguntou Erika.

– São quatro pubs, uma população grande de estudantes e a maioria dessas casas são repúblicas de baixo custo – disse Rachel timidamente. – Estamos em South London. Tem crime em toda esquina.

As janelas do carro estavam embaçando. Erika desconsiderou o comentário e ajustou o ar quente.

– Quem achou o corpo?

– O Josh – respondeu Rachel. – Ele me mandou uma mensagem pedindo para vir aqui fora.

– Mandou uma mensagem?

– Uma mensagem de texto – disse Josh como se ela fosse idiota. Erika novamente ficou surpresa pela diferença entre gerações. Seu primeiro instinto teria sido correr para dentro e contar a elas, mas Josh pegou o telefone. – Nossa lixeira estava cheia e as da loja provavelmente não teriam sido usadas no Natal, por isso achei que iam estar vazios.

– Nós todos saímos – disse Aashirya.

– Que horas foi isso? – interrogou Erika.

– Lá pelas sete e meia – respondeu Josh.

– Que horas a loja de cozinhas fecha?

– Está fechada desde o ano-novo. Ouvimos falar que o dono faliu – respondeu Josh.

– Então tem sido bem tranquilo nos últimos dias?

Todos confirmaram com a cabeça.

– Vocês reconheceram a vítima? É estudante? Morava aqui na região?

Eles negaram com a cabeça, estremecendo à lembrança da garota morta.

– Moramos aqui desde setembro, estamos no primeiro ano de faculdade – explicou Josh.

– Quando vamos poder voltar para o nosso apartamento? – perguntou Rachel.

– Ele faz parte da cena do crime e essas coisas demoram.

– Dá para ser mais específica, detetive?

– Sinto muito, mas não dá.

– Provavelmente era uma prostituta, a garota na caçamba – acrescentou Rachel baixinho, ajeitando as lapelas do roupão. – Tem muito disso nesta área.

– Você conhece alguma prostituta daqui? – questionou Erika.

– Não!

– Então como você sabe que ela era prostituta?

– Ué, de que outro jeito uma garota acabaria... de que outro jeito isso poderia acontecer?

– Rachel, ser ingênua e preconceituosa não vai te levar muito longe na vida – alertou Erika.

Rachel contraiu os lábios e olhou para a janela embaçada ao seu lado.

– Vocês têm mais alguma coisa para me falar? Qualquer coisa que tenham visto, por menor que seja? Além dos esquisitões de sempre, não teve mais ninguém andando por aqui? Ninguém que despertasse suspeita? – Eles negaram com a cabeça. – E os vizinhos da frente? Como eles são? – perguntou Erika, apontando para a fileira de casas escuras do outro lado da rua.

– A gente não conhece bem o pessoal. Um bando de estudantes e algumas senhorinhas idosas – disse Josh.

– Onde vamos ficar? – perguntou Aashirya com um fio de voz.

– Estou com a chave do apartamento de um amigo meu para dar comida ao gato dele. A gente pode ir para lá – sugeriu Josh.

– Onde é? – perguntou Erika.

– Perto de Ladywell.

– Detetive, o que vai acontecer agora? – perguntou Rachel. – A gente vai ter que se apresentar no tribunal ou fazer algum tipo de reconhecimento?

Erika sentiu pena deles, eram jovens e apenas alguns meses antes tinham saído de casa e ido morar em uma das piores áreas de Londres.

– É possível que tenham que se apresentar no tribunal, mas isso só aconteceria daqui a muito tempo – respondeu Erika. – Por enquanto, podemos oferecer orientação psicológica. Posso ver acomodação de emergência, mas vai levar um tempo. Se me derem o endereço, posso providenciar uma carona até a casa desse amigo. Só que vamos precisar falar com vocês de novo e colher o testemunho oficial.

Aashirya estava um pouco mais controlada e secava os olhos com as costas das mãos. Erika vasculhou a bolsa em busca de um lenço.

– Vocês precisam ligar para os pais?

– Estou com o meu celular – disse Rachel, dando um tapinha no bolso do roupão.

– Minha mãe trabalha de noite – falou Josh.

- O meu celular ainda está no apartamento. Eu gostaria de ligar para o meu pai, por favor - pediu Aashirya, pegando o lenço de Erika.

- Use o meu telefone, querida - ofereceu Josh, passando-o por entre os bancos.

Aashirya digitou o número e aguardou com o aparelho pressionado no tecido de seu *hijab*. Josh limpou a condensação na janela. A van do patologista tinha chegado. Empurraram uma maca pela calçada e entraram com ela no estacionamento.

- Ela foi largada ali como se fosse lixo - comentou ele. - Quem faria uma coisa dessas?

Erika olhou fixamente pela janela e quis muito saber a resposta para aquela pergunta. Sparks apareceu no portão vestindo o macacão usado em cenas de crime, e ela sabia que a única coisa que podia fazer naquele momento era ir embora.

Capítulo 5

Erika acordou sozinha na manhã seguinte. Esperava que Peterson tivesse ligado com mais informações da cena do crime, mas conferiu o celular e viu que não tinha nenhuma ligação perdida, nem mensagem.

Demorou mais do que o habitual para chegar ao trabalho de carro. Os veículos que jogavam sal no asfalto para derreter o gelo tinham trabalhado a noite inteira, mas ela andava devagar pelas ruas escorregadias cobertas de neve derretida. Quando finalmente chegou a Bromley, o centro da cidade estava cinzento, e a luz da manhã mal conseguia atravessar as densas nuvens baixas. A neve continuava a cair, derretendo ao atingir as ruas com sal, porém era fria o bastante para acumular-se nas calçadas. A Delegacia de Polícia Bromley ficava no final da rua de comércio, em frente à estação de trem e um grande supermercado. Pessoas de rostos pálidos passavam por uma fila impaciente na pequena cafeteria e entravam na estação.

Erika parou o carro no estacionamento subterrâneo e pegou o elevador até o térreo. Vários agentes estavam saindo do turno da noite e lhe deram “oi” quando ela passou diante do vestiário dos funcionários em direção à minúscula cozinha. Fez um chá e o levou para a sala que lhe haviam designado, no canto do último andar, e suspirou ao ver a pilha de arquivos novos que lhe aguardavam em sua mesa. Estava mexendo neles quando escutou uma batida na porta. Ergueu o rosto e viu o Detetive John McGorry, um bonito policial de cabelo escuro na faixa dos 20 e poucos anos.

– Tudo certo, chefe?

– Bom dia, John. O que posso fazer por você?

– Conseguiu dar uma olhada na minha solicitação?

No final do ano anterior, John tinha feito parte da equipe comandada por Erika, responsável por um caso histórico de desaparecimento, e após a conclusão bem-sucedida da

investigação, ele deu início ao processo de candidatura ao posto de detetive inspetor.

– Desculpe, John. Vou olhar isso hoje... Sabe como é, teve... bom... teve o Natal e tudo mais.

– Obrigado, chefe – ele disse antes de abrir um sorriso.

Erika sentiu-se péssima. Estava com o formulário dele desde a semana anterior ao Natal. Sentou-se à mesa, acessou sua caixa de e-mails para achar o anexo, mas se distraiu com outra mensagem:

ATT: Detetive Inspetora Chefe Foster,

Escrevo em resposta à sua solicitação de transferência para a equipe de investigação de assassinato. Infelizmente sua solicitação não foi aceita desta vez.

Atenciosamente,

Barry Mcgough

Polícia Metropolitana de Londres

– Departamento de Recursos Humanos

– Sparks... – murmurou, recostando-se na cadeira. Pegou o telefone e ligou para Peterson, que atendeu depois de vários toques, parecendo meio grogue. – Droga, eu te acordei.

– Acordou – ele admitiu, pigarreando. – Ficamos lá até as duas da manhã.

– O que mais descobriram?

– Não muito. Melanie Hudson mandou eu e Moss fazermos um porta a porta. Nenhum dos vizinhos na Tattersall Road viu nada.

– Escute... desculpe se eu forcei a barra para ir com você ontem à noite.

– E por quê?

– Não contei a ninguém, mas fiz uma solicitação para voltar à Equipe de Investigação de Assassinatos.

– E vai trabalhar para o Sparks?

– Não, para solucionar assassinatos. Estou presa atrás de uma mesa há meses, fazendo essas porcarias desses relatórios. Enfim.

Deixe pra lá... Recusaram o pedido.

– Sinto muito. Disseram por quê?

– Não.

– Erika, quando eles avaliam esse tipo de pedido, a sua patente e o seu salário jogam contra você.

– Acho que sou *eu* quem joga contra mim. E tenho certeza de que tem o dedo do Sparks nessa decisão... Se pelo menos eles avaliassem a solicitação com base no número de casos que solucionei. Na quantidade de assassinos que prendi.

– Prender criminosos não economiza dinheiro. Você sabia que meter alguém na cadeia custa o mesmo que passar uma noite no Ritz.

– É só isso que importa agora?

– Para alguém tão inteligente, às vezes você é bem ingênua, Erika.

– Não podemos pensar nesses termos. Tem gente demais achando que o dinheiro vem primeiro...

Peterson suspirou do outro lado da linha.

– Olha, Erika, eu só dormi três horas. Concordo com você, mas preciso de mais uns roncos antes de conseguir entrar em um debate – disse.

– Okay. E me desculpe de novo por ontem à noite.

– Tá tudo bem. Firme aí, vai aparecer alguma coisa.

– Eu sei. Só estou cansada de ficar presa neste marasmo, cuidando dessa papelada infinita para Ronald McDonald...

Erika escutou alguém limpando a garganta, como se quisesse chamar sua atenção. Ela levantou o rosto e viu um homem de fartos cabelos vermelhos desalinhados de pé junto à porta. Era Ronald McDonald em pessoa: o Superintendente Yale.

– Olha só, eu tenho que desligar... – ela disse. – Bom dia, chefe, o que posso fazer pelo senhor? – perguntou Erika, constrangida.

– Erika, podemos ter uma conversa? – Yale era um homem grande, alto e robusto, tinha uma barba vermelha espessa que combinava com o cabelo. Seus grandes olhos azuis sempre pareciam estar marejados e seu rosto tinha uma vermelhidão que

dava a Erika a impressão de que ele estava prestes a ter uma reação alérgica a algo que havia comido.

– Sim, senhor. É sobre o relatório estatístico de crimes com faca?

– Não. – Ele entrou, fechou a porta e sentou-se em frente à mesa dela. – Estava com o Superintendente Sparks no telefone...

Yale tinha o hábito de deixar uma sentença pairando no ar, para que a pessoa metesse os pés pelas mãos e se incriminasse.

– Como ele está? – perguntou Erika de maneira indiferente.

– Ele falou que ontem à noite você se intrometeu em uma cena de crime dele.

– Cheguei com o Detetive Inspetor Peterson, estávamos juntos quando ligaram para que comparecesse ao local, o tempo ruim estava atrasando outros oficiais, por isso decidi dar uma mãozinha e fui até lá...

– Sparks falou que teve que dar uma ordem para que você saísse da cena.

– Será que “vai se foder” pode ser interpretado como uma ordem, senhor? Estou citando o Superintendente Sparks.

– Mesmo assim você ficou na cena e colheu o depoimento dos três estudantes que acharam o corpo de Lacey Greene.

Erika arqueou as sobrancelhas:

– Ele já tem a identidade da vítima?

Yale mordeu o lábio, se dando conta de que havia revelado mais do que pretendia.

– Pelo amor de Deus, Erika. Você vive enchendo a paciência para ser promovida, mas se comporta como uma adolescente!

– Três testemunhas foram deixadas sozinhas em uma viatura sem aquecimento. A Tattersall Road é uma área bem perigosa. Era tarde da noite e eles não estavam com roupa para aguentar a temperatura abaixo de zero. Uma das meninas estava de roupão e a outra usava um *hijab*... um daqueles véus islâmicos que cobrem o rosto, usado por algumas mulheres... – Erika deixou a frase pairando no ar um instante depois prosseguiu. – Elas eram jovens

vulneráveis, senhor, e estamos lidando com uma crescente onda de islamofobia, principalmente em áreas mais desfavorecidas...

Yale olhou desconfiado para Erika e tamborilou os dedos na mesa por um momento. Ambos tinham consciência de que ela estava dando desculpas esfarrapadas, mas não deixava de ser verdade.

– Senhor, colhi o depoimento das três testemunhas, providenciei um lugar seguro para ficarem e encaminhei um e-mail com o relatório completo para o Superintendente Sparks.

– Erika, sei que não está satisfeita aqui. Entendo isso. Também não acho muito legal trabalhar com você.

– Solicitei uma transferência, mas recusaram.

Yale se levantou e disse:

– Então temos que fazer o melhor com aquilo que temos. Quero o primeiro rascunho do seu relatório estatístico sobre crimes com faca na região hoje no final do expediente.

– É claro, senhor.

Ele ia falar mais alguma coisa, contudo despediu-se com um aceno de cabeça e foi embora. Erika recostou-se e olhou pela janela. A rua comercial estendia-se até o cruzamento, onde se transformava numa área de pedestres. Havia uma longa fila em frente à loja de produtos por uma libra. Um jovem asiático saiu lá de dentro, levantou a porta e o amontoado de gente entrou no estabelecimento.

Erika estava prestes a fazer outro chá quando seu telefone tocou.

– É a Detetive Erika Foster? – perguntou uma jovem voz masculina.

– Detetive Inspetora Chefe, sim, é ela.

– Oi. É Josh McCaul, de ontem à noite... – a voz interrompeu, e ela ouviu o som de uma cafeteira ao fundo. – Posso falar com você?

– Josh... um dos meus colegas vai entrar em contato com você para colher o depoimento formal.

– Antes de fazer isso formalmente, preciso falar com você.

- Sobre o quê?
- A vítima de assassinato – disse ele com a voz baixa.
- Você falou que não a conhecia.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha, então ele falou:

- Não conheço a moça. Mas acho que sei quem a matou.

Capítulo 6

Erika concordou em se encontrar com Josh no Brockley Jack, um tradicional pub inglês na movimentada Brockley Road, recentemente reformado ao estilo *gastropub*. O bar estava tranquilo às 11 horas da manhã, tinha apenas dois velhotes desmazelados, ambos com uma cerveja na mão e outra já aguardando.

Josh estava atrás do balcão, usando uma camiseta preta de manga comprida, organizando xícaras e pires limpos em cima de uma máquina de café. Parecia assustado.

– Oi! Onde você quer conversar? – perguntou Erika.

– Você se importa se a gente for lá fora? Preciso de um cigarrinho – ele respondeu.

Uma mulher de meia-idade com maquiagem pesada e blusa vermelha plissada saiu por uma porta atrás dele e olhou para Erika com a cara fechada.

– Imagino que você vai querer café – ralhou ela.

– Puro, sem açúcar – disse Erika.

– Eu levo lá. Ligue os aquecedores se precisar, Josh.

A área externa do pub era pequena, tinha um muro alto e atrás dele estendia-se uma fileira de casas. Sentaram-se debaixo de uma pequena varanda. Josh acendeu o aquecedor que, após um estalo, começou a chiar, e em seguida o puxou para perto deles. O ar quente chegou até Erika. A mulher saiu com os cafés e um cinzeiro.

– Vou estar no bar se precisar de mim, Josh... E lembre-se, detetive, de que *e/e* ligou para *VOCÊ* – alertou antes de sair de cara feia.

– O latido dela é mais forte do que a mordida? – perguntou Erika, tomando um golinho do café.

– Sandra é gente boa, ela é uma segunda mãe para mim – respondeu Josh, pegando o maço e acendendo um cigarro. – De onde você é? Tem um sotaque diferente.

– Eslováquia, mas moro no Reino Unido há 25 anos.

Segurando o cigarro incandescente, Josh inclinou a cabeça e olhou para Erika, como se estivesse formando sua opinião a respeito dela.

– Você tem um sotaque tipo do norte, com um pouquinho de estrangeiro no fundo.

Erika percebeu que ele estava com uma aparência muito pálida e adoentada à luz fraca do sol de janeiro.

– Isso mesmo. Aprendi inglês em Manchester, onde conheci meu marido – ela admitiu.

– Há quanto tempo é casada?

– Não sou casada. Ele morreu alguns anos atrás.

– Sinto muito.

Apesar do frio, estava quente debaixo do aquecedor. Josh começou a puxar as mangas e parou de repente, porém não antes de Erika ver marcas de agulha na parte interior de seus braços.

– Josh, este caso não é meu. Você devia ter pedido para conversar com o Superintendente Sparks.

– O cara sinistro que parece um vampiro com hemorroida?

Erika reprimiu um sorriso e respondeu:

– Esse mesmo.

Josh apagou o cigarro já na guimba, acendeu outro e exalou, mordendo o lábio.

– Acho que tenho uma pista sobre a garota morta. Mas te contar significa admitir uma coisa ilegal.

– Comece falando hipoteticamente – orientou Erika, colocando a mão no ombro dele. Josh se retraiu um pouco.

– E se uma pessoa comprou drogas de um traficante e depois viu esse traficante na cena do crime?

– Do que é que estamos falando? Maconha?

Ele negou com a cabeça e completou:

– Muito pior.

– Essa pessoa tem alguma condenação anterior?

– Não... Elas não têm, eu não tenho – ele respondeu baixinho, olhando para o chão.

- Então eu duvido que a Promotoria Pública pressionaria para acusá-la. Você precisa de ajuda?

- Eu tenho todos os números, só preciso de coragem para ligar... - O garoto apagou com força seu terceiro cigarro, piscando furiosamente para conter as lágrimas.

- Josh, você viu a garota na caçamba de lixo. Foi uma morte brutal.

O jovem concordou com um movimento de cabeça e enxugou os olhos.

- Okay. Tem um traficante, ele fica de bobeira ali perto do centro acadêmico o tempo todo. Fui colocar o lixo para fora mais cedo do que eu te falei. Na primeira vez que saí, ele estava lá, o traficante. Aí eu entrei de novo.

- Que horas?

- Cinco, cinco e meia.

- Por que você entrou de novo quando o viu?

- Estou devendo dinheiro a ele... não é muita coisa, mas o escroto não deixa barato. Achei que ele tinha vindo atrás de mim.

- O que exatamente ele estava fazendo?

- Ele só estava lá, tipo, parado do lado da caçamba.

- Só parado?

- Estava com a mão lá dentro. Depois deu um passo para trás e ficou parado olhando.

- Você sabe o nome dele?

- Steven Pearson.

- Endereço?

- Até onde eu sei, ele é sem-teto.

- Josh, você achou o corpo, do jeito que me contou, lá pelas 7h30 da noite?

- Achei, essa parte é verdade. Voltei lá fora de novo mais ou menos às 7h30, quando ele já tinha ido embora.

- Você estaria disposto a falar isso formalmente, a dar um depoimento?

- E se eu disser que não?

– Se você disser que não, terá um problema com drogas e o assassinato de uma garota na sua consciência.

Josh olhou para baixo e respondeu:

– Okay.

Quando já estava de volta ao carro, Erika ligou para John, na delegacia Bromley, e pegou o número da Detetive Inspetora Chefe Hudson. O telefone de Melanie caiu direto na caixa postal, então ela deixou uma mensagem rápida com informações sobre Josh e o que ele tinha visto.

Pela janela, Erika olhou para o estacionamento. Tinha começado a nevar forte, Sandra saiu apressada pela porta de emergência com um saco de lixo e o atirou dentro da caçamba aberta.

Em seguida, Erika fez outra ligação para descobrir quem conduziria a autópsia de Lacey Greene.

Capítulo 7

Pouco depois das 11 da manhã, Erika chegou ao necrotério de Lewisham, onde foi recebida pelo patologista forense Doug Kernon. Ele era um enorme urso jovial, de 60 e poucos anos, com cabelo grisalho curto e eriçado e um rosto avermelhado.

– Erika Foster, é um prazer finalmente conhecê-la, ouvi falar muito de você! – Ele avançou com alegria para cima dela, lhe deu um aperto de mão e mostrou o caminho para sua pequena sala ao lado do necrotério.

– Bem ou mal?

– Os dois – respondeu com um grande sorriso e empurrando os óculos nariz acima.

Erika mentiu ao dizer que estava envolvida na investigação do assassinato de Lacey Greene. Sua patente e reputação tornavam a mentira plausível, por isso mesmo essa patente e reputação deviam ser o suficiente para ela ter consciência de que o que estava fazendo não valia a pena.

– Você acabou de se desencontrar com a Detetive Hudson. Imagino que, como chefe da investigação, ela vai passar as informações a você.

– Ela quer saber qual é o meu ponto de vista do caso – mentiu Erika. – Espero que não se importe de repassar tudo comigo.

– Não. De jeito nenhum – disse ele, dando um tapinha no ar. Sua sala estava lotada dos habituais calhamaços médicos e das excentricidades que profissionais de velha guarda da comunidade médica adquirem. Debaixo de uma pequena janela, havia uma luminária de lava e uma esteira ergométrica que, na verdade, servia de suporte para bandejas de sementeira cheias de verduras. Parecia que ele tinha uma queda e tanto pela atriz britânica Kate Beckinsale. Erika contou nove imagens dela nos vários papéis. Na mesa, havia diversos embrulhos abertos de embutidos e queijos, além de um pão de forma artesanal inteiro sobre uma tábua de madeira.

– Você também está morrendo de fome? – ele perguntou, acompanhando o olhar de Erika. – Eu já ia bater um rango e abrir um pote de couve-flor ao molho de mostarda que a minha mulher preparou.

– Não, obrigada. Tenho que voltar para a delegacia – recusou Erika. Lidava com a morte havia muitos anos, mas não tinha certeza de que chorizo e queijo cairiam bem antes de ver um cadáver.

– É claro, vamos lá, então.

O jeito do patologista mudou quando saiu de sua aconchegante sala para o necrotério. Um ruído metálico ressoou quando uma das gavetas do mortuário na grande parede dos fundos, a que continha o saco preto com o corpo, foi aberta.

Erika se aproximou da tela de um computador no canto do necrotério, que exibia as informações do relatório de Doug e uma foto da carteira de motorista de Lacey. Tinha sido uma mulher atraente, de altura mediana, cabelo castanho comprido e brilhante e um rosto bonito em forma de coração. Possuía uma beleza juvenil quase angelical, muito bem capturada na foto da carteira. Erika presumiu que a garota devia ter sido ainda mais linda.

Atrás de si, Erika ouviu o lento e inconfundível som do movimento do zíper e o estrépito do saco sendo aberto por Doug. Ela respirou fundo e se virou.

Tinham limpado o sangue do corpo, mas a garota estava irreconhecível em relação à foto, com dois enormes hematomas inchados no lugar dos olhos. Lacey estava deitada de lado na caçamba e agora, de barriga para cima, dava para Erika ver que o osso da bochecha esquerda daquele rosto em forma de coração estava quebrado. Um monte de cortes profundos cobriam o peito, a parte de cima dos braços e as coxas.

Doug deu um momento para a detetive assimilar aquilo, em seguida começou a explicar suas descobertas.

– Esses cortes são compatíveis com um objeto extremamente afiado. Eles têm profundidade e são retos. O que me faz presumir

que ela foi retalhada repetidas vezes com uma pequena lâmina afiada. Há contusão na parte de trás do crânio, no osso ocular esquerdo, a órbita do olho, e a maçã esquerda do rosto está estilhaçada. Você pode ver que as orelhas dela eram furadas e que um brinco foi arrancado da esquerda. – Ele apontou para o lóbulo esquerdo rasgado.

– Ela foi estuprada?

– Não há vestígio de sêmen nem resíduo de látex – respondeu o legista. – Mas ela tinha ferimentos internos nas paredes da vagina. Os cortes são pequenos, mas também compatíveis com a inserção de uma pequena lâmina afiada... Talvez um estilete ou bisturi.

– Para torturar – finalizou Erika.

– Acredito que sim. Olhe os punhos. Há hematomas compatíveis com a possibilidade de terem sido amarrados. Acho que, neste caso, os pulsos estavam atados com uma corrente fina: veja os elos nos ferimentos. Ela tem hematomas idênticos no pescoço.

– Ela estava amarrada... Conseguiu recolher algum material debaixo das unhas dela?

– Observe os dedos – acrescentou Doug, suspendendo uma das mãos.

O estômago de Erika revirou. As unhas tinham sido arrancadas.

– Quando a vi no local do crime, os dedos estavam dobrados sobre a bochecha. Não tinha percebido isso... Talvez ela o tenha arranhado, e o sujeito não queria que pegássemos o DNA dele – supôs Erika.

Doug concordou com um gesto de cabeça.

– O braço direito dela está quebrado em dois lugares, e veja que os dedos do pé direito foram esmagados – continuou ele.

– Causa da morte?

– Apesar de tudo isso, a verdadeira causa da morte foi a catastrófica perda de sangue ocasionada por uma incisão na artéria femoral na coxa esquerda. – Ele moveu-se para a lateral da mesa e afastou as pernas da garota com delicadeza para mostrar

uma pequena incisão no alto da parte interna da coxa, perto da virilha.

Erika notou que os pelos pubianos dela estavam raspados, havia apenas um minúsculo montinho bem curto.

– Os pelos pubianos foram raspados durante a autópsia? – perguntou ela.

– Não.

Erika não queria tirar conclusões precipitadas, mas seria aquilo um sinal de promiscuidade? Ela olhou para Doug.

– Eu não usaria isso como uma bússola moral para julgar a pobre moça – disse ele, lendo os pensamentos de Erika. – Foi uma escolha ruim da parte dela? Ou o que aconteceu foi imposto a ela e estava totalmente fora do controle da garota? Descobrir isso é com você.

– Prestaram queixa do desaparecimento dela na semana passada, e o corpo foi encontrado vários dias depois – comentou Erika.

– Isso mesmo. Acredito que os ferimentos foram infligidos durante um período de vários dias, alguns já tinham até começado a cicatrizar. A incisão na artéria femoral foi fatal, eu diria que ela sangrou até a morte em questão de minutos.

– Então você acha que podem ter mantido a vítima presa em algum lugar e a torturado?

– Só posso afirmar que os ferimentos foram infligidos durante um período de dois a três dias...

– Estou impressionada com a rapidez que fizeram a identificação dela – confessou Erika.

– Quando a vítima é encontrada com a bolsa, a carteira e a identidade, é bem fácil... mas você deve saber disso, não? – comentou ele, semicerrando os olhos.

– Sim. É claro.

O legista aparentou não estar engolindo aquilo, mas prosseguiu:

– A incisão na parte interior da coxa, na artéria femoral, é precisa. Ele sabia onde estava usando a faca...

– Você acha mesmo que foi um homem?

– Você vai ficar bancando a politicamente correta comigo, Erika?

– Não. É que já vi o estrago e a violência que as mulheres podem fazer, e são compatíveis com os dos homens...

Doug apontou para um cartaz sobre anatomia preso à parede azulejada. O corpo, de sexo indeterminado, estava com os braços um pouco abertos e mostrava a posição de todos os órgãos e as artérias mais importantes.

– Aqui vemos a parte interior da coxa sobre a artéria femoral – ele explicou, indicando com uma caneta esferográfica. – A artéria fica enterrada sob camadas de tecido adiposo. A artéria femoral é usada como ponto de entrada para procedimentos cardíacos: por exemplo, quando um *stent* é inserido para alargar uma válvula do coração. É um procedimento não invasivo, ou seja, em vez de abrir a cavidade torácica, o acesso é feito pela virilha.

– Você acha que o assassino tem conhecimento médico?

– Repito, isso é você e a chefe da investigação que têm que descobrir.

– Definiu o horário da morte?

– De acordo com o índice de *rigor mortis*, eu diria que ela está morta há 48 horas ou mais.

Quatro dias de paradeiro desconhecido desde que prestaram queixa do desaparecimento, pensou Erika. Quatro dias de medo, agonia e dor.

Ela desviou o rosto da ilustração sobre anatomia e voltou à mesa para dar uma olhada em Lacey e na incisão na parte superior da coxa.

– Poderia ser um golpe de sorte de quem quer que tenha feito isso? Encontrar a artéria femoral e fazer a incisão? – questionou.

– Poderia, mas teria sido um tremendo golpe de sorte encontrá-la e depois fazer a incisão corretamente de primeira. Se estivesse inconsciente, teria sido mais fácil de localizar, mas dá para ver que ela oferecia resistência.

Erika baixou o olhar para o corpo espancado e quebrado de

Lacey. A comprida e bem-feita fileira de pontos do umbigo ao peito, concluída após a autópsia, estava em desacordo com a desordenada violência infligida a ela. Erika desejou que os outros cortes também tivessem sido costurados. Aquilo parecia expor a garota ainda mais.

– Seria muito bom se você conseguisse pegar esse cara – comentou Doug, com uma tristeza profunda estampada no rosto.

– Vou pegar. Eu sempre pego.

Capítulo 8

Erika voltou de carro para a delegacia em Bromley e passou o resto da tarde encarando com melancolia uma planilha na tela do computador. Não conseguia se concentrar nos números, que não paravam de embaçar diante de seus olhos. A única coisa que conseguia enxergar era o corpo espancado de Lacey deitado no necrotério.

Pouco antes das cinco horas, estava prestes a buscar um café quando tomou uma decisão e pegou seu telefone. Dessa vez, Melanie Hudson atendeu.

– Você recebeu minha mensagem? – perguntou Erika. – Josh McCaul, o rapaz que mora ao lado da loja de cozinhas planejadas, declarou ter visto um homem chamado Steven Pearson agindo de maneira suspeita nas horas anteriores ao descobrimento do corpo de Lacey Greene...

– Recebi sua mensagem – disse ela irritada. – Estamos com o Steven Pearson sob custódia.

– Já?

– Sim. Nós o prendemos há umas duas horas. Fizemos outro porta a porta, e um vizinho o identificou. Steven Pearson é bem conhecido pela polícia na área: lesão e agressão corporal, tentativa de estupro. Ele estava com a carteira de Lacey Greene, com o dinheiro e os cartões de banco, e também portava um bisturi cirúrgico. Além disso, os braços e o rosto estão cobertos de arranhões...

– Ele estava com o celular dela?

– Não... Olha só, Erika, agradeço por ter passado a informação para mim, mas o Superintendente Sparks te deu uma ordem expressa para ficar longe desta investigação.

– Deu, sim, mas...

– Só quero fazer o meu trabalho, Erika. Estou com o assassinato de Lacey Greene sob custódia, e parece que este caso está

caminhando para uma conclusão bem-sucedida. Fique fora disso, senão vou dificultar a sua vida.

Erika ouviu o clique de Hudson desligando. Ela bateu o telefone na mesa, enfurecida. A neve grossa caía diante da janela e cobria a rua. Aquilo geralmente a animava, o poder purificador da neve, mas hoje ela estava com raiva e sentia-se isolada naquela salinha em Bromley. Retomou a planilha e tentou se concentrar.

Lacey Greene foi raptada, mantida prisioneira durante quatro dias e torturada antes de sua artéria femoral, uma artéria difícil de ser encontrada, ser cortada com precisão cirúrgica.

Será que um sem-teto viciado em drogas teria a inteligência ou os recursos necessários para executar tudo aquilo? E por que ele estaria perambulando perto da cena do crime, exposto aos olhos das testemunhas?

Capítulo 9

Erika não conseguiu dormir naquela noite. Após ficar horas deitada no escuro, levantou e foi à janela. De lá, tinha uma vista do pequeno estacionamento em frente ao seu prédio. A neve continuava caindo e tinha reduzido os carros a montes brancos. No canto, encostada em um muro alto de tijolos, as três caçambas de lixo do prédio estavam enfileiradas. Tudo sossegado; o único som era o leve barulhinho da neve batendo na janela. Não conseguia tirar da cabeça a imagem do corpo espancado de Lacey Greene. Lacey tinha apenas 22 anos, possuía a vida inteira pela frente.

Depois de tantas investigações, Erika sabia o peso do destino em casos de assassinato. Se a vítima tivesse saído do bar dez minutos mais tarde, ou se tivesse se lembrado de trancar a porta do carro, ou feito um caminho um pouco diferente, ainda estaria viva. Afastou-se da janela, foi tomar um banho e ficou muito tempo debaixo da água quente. Ela se perguntou quantas vezes devia ter, aos 22 anos de idade, passado muito perto da morte. Quantas vezes teria passado por um predador aguardando nas sombras, que estendeu a mão para agarrá-la, mas errou o bote.

Quando saiu do apartamento às 6 da manhã, ainda estava escuro. No chão intacto, eram dela as primeiras pegadas na neve, iluminadas pela luz alaranjada dos postes. Tinha esvaziado o lixinho da cozinha antes de sair e atravessou o estacionamento até as caçambas, com a neve estalando sob os pés, um barulho que lhe parecia excessivamente alto no silêncio da manhã. Parou diante da caçamba preta com tampa azul. Não havia barulho algum na rua principal atrás do prédio dela, a neve parecia tampar seus ouvidos, abafando o mundo. Ficou parada alguns longos minutos entre dois carros estacionados, convencida de que havia um corpo dentro da caçamba. Fechou os olhos e viu Lacey Greene, imunda de terra e encrostada de sangue, com o rosto

disforme e uma fina camada de neve cobrindo-lhe o corpo que resplandecia fantasmagórico.

– Dá licença – veio uma voz atrás dela, e Erika quase deu um berro com o susto. Um dos vizinhos, um homem de meia-idade, inclinou-se, abriu a tampa coberta de neve da caçamba e jogou um grande saco preto lá dentro, que fez um barulho metálico oco ao bater no fundo.

– Bom dia – ela respondeu, com o coração aos solavancos.

O homem franziu as sobrancelhas e saiu com passos pesados na direção de seu carro.

Erika virou-se novamente para a caçamba e espiou a escuridão lá dentro. Viu que estava vazia, era o primeiro saco aninhado no fundo. Colocou o dela delicadamente e fechou a tampa. Seguiu em frente e abriu a tampa das outras duas caçambas: uma era para papel e plástico, e a outra para vidro. Todas vazias.

Virou-se e foi até seu carro com passos pesados. O vizinho tinha quase terminado de tirar a neve de cima de uma van pequena e estava olhando para ela de um jeito estranho.

A Delegacia de Polícia Bromley ainda estava tranquila quando Erika chegou, fez um chá e levou para sua sala. O café da manhã foi meio pacote de biscoito que achou no fundo de uma gaveta. Mergulhados no chá quente, eles a animaram um pouco e, enquanto mastigava ruidosamente, ligou o computador. Achou o perfil de Lacey Greene no Facebook, mas ele era restrito e só poderia ser visualizado se fossem amigas. Posicionou o cursor sobre o ícone de solicitação de amizade e sentiu uma tristeza avassaladora porque Lacey não aceitaria mais nenhuma. Levantou o olhar e viu que estava clareando, a rua comercial lá embaixo adquiria uma sinistra tonalidade azul. Um frio glacial, era o que as previsões de tempo no rádio estavam dizendo.

Era frustrante saber que tinha sido excluída do caso de assassinato de Lacey Greene, que não tinha acesso às informações nem no Holmes, o banco de dados da polícia. No dia anterior, no entanto, conseguiu acessar a ficha criminal de Steven Pearson no Sistema de Registro de Informações Criminais. Abriu-a novamente

na tela. A ficha de Pearson começava em 1980 e continha 25 prisões por roubo, fraude de cartão de crédito, estupro, agressão corporal e tentativa de assassinato. Tinha cumprido pena três vezes e, na mais recente, com início em 2003, passou dez anos na penitenciária de Blundeston por estupro e tentativa de assassinato.

Erika deu um pulo quando ouviu um assobio. Desviou o olhar da tela e se deparou com John atrás dela, trazendo uma pilha de documentos.

– Nossa, que partidão, hein? – comentou ele.

Os dois olharam para a foto na tela. Steven Pearson tinha um rosto pequeno e fino, pele ruim e era quase careca. Tinha uns tufo de cabelo castanho nas laterais da cabeça e olheiras enormes debaixo dos olhos pequenos e brilhantes; parecia mais velho do que seus 50 e poucos anos.

– Ele acabou de ser preso pelo assassinato de Lacey Greene em New Cross – informou Erika.

– Que sorte, pegaram o cara rápido.

O pensamento inicial de Erika lhe voltou à cabeça: *Será que um sem-teto viciado em drogas teria a inteligência ou os recursos necessários para planejar um sequestro e assassinato?*

– O que posso fazer por você, John?

– O Superintendente Yale analisou o último rascunho do seu relatório e fez algumas anotações – ele respondeu, entregando-lhe a pilha de documentos. A primeira página estava lotada de rabiscos vermelhos. – Ele quer conversar com você depois do almoço.

Erika pôs a papelada na mesa e se concentrou novamente na tela.

– John, você separa o lixo para reciclagem em casa?

– Nossa senhora! – exclamou ele, revirando os olhos. – A minha namorada é a mulher mais pirada com reciclagem que existe: papel, metal, plástico... se eu não colocar na lixeira certa, estou

encrencado... Se fosse desovar um corpo, a maior preocupação dela seria colocá-lo na lixeira certa.

Erika olhou torto para ele.

– Desculpe, chefe, piadinha de mau gosto.

– Havia três caçambas de lixo no local. Lacey Greene foi encontrada na caçamba para resíduos gerais. Por que nessa?

– Os resíduos em geral acabam indo para o aterro sanitário, teria demorado muito mais para encontrar e identificar a moça. O aterro é enorme, fica lá em Rainham. Todo o lixo reciclável acaba em um centro de triagem de alta tecnologia em East London. Minha namorada fez questão de descobrir tudo isso.

– Uma coisa não está fazendo sentido para mim: alguns dos cortes no corpo de Lacey tinham começado a cicatrizar, o que significa que ela deve ter sido aprisionada e torturada durante quatro dias antes de ser assassinada. Todos os crimes que Steven Pearson cometeu foram resultado de acesso de raiva, ou por excesso de bebidas ou drogas. Ele pode ter matado Lacey, mas, analisando o histórico do sujeito, acho que ele teria agido no calor do momento e não ao longo de vários dias, né?

– Mesmo se ele não tiver feito aquilo, seria bom ter alguém como ele fora das ruas.

– Mas que raciocínio negligente, John.

– Você também fala que não devemos subestimar as pessoas. O fato de ele não ter feito isso antes não quer dizer que não seja capaz.

Erika concordou com um aceno de cabeça e voltou a examinar a ficha de Steven.

– Sei lá. O caso nem é meu.

– Chefe, não estou querendo incomodar, mas conseguiu dar uma olhada na minha solicitação?

– Desculpe, John. Está na minha lista para hoje. Eu prometo.

John aceitou com uma expressão duvidosa e saiu.

Erika vasculhou sua bolsa e pegou as anotações que fez depois da conversa com Doug Kernon no necrotério. Acessou o banco de dados de crimes da polícia, fez uma busca de vítimas com incisão

na artéria femoral e incluiu informações sobre a cena do crime, a idade e o sexo da vítima.

Os resultados que surgiram deixaram Erika absolutamente paralisada.

Capítulo 10

O patologista forense Isaac Strong morava em uma elegante casa em uma rua tranquila em Blackheath, South London. Estava escuro e nevava fraco quando Erika bateu na porta. Ficou batendo o pé impacientemente e um momento depois escutou um rangido do assoalho antes de a porta ser aberta. Isaac era um homem alto e bonito, de cabelo escuro bem curto e uma testa grande. Suas sobrancelhas eram finas e arqueadas, ele estava bronzeado e com uma aparência relaxada.

– Estou com o arquivo aqui – disse Erika, entrando alvoroçada no calor do elegante corredor. – Acabei tendo que ir de carro até a delegacia em Croydon onde arquivaram os documentos originais. E você sabe como é o trânsito em Londres e o congestionamento na porcaria da IKEA... – Ela tirou o casaco balançando os ombros e o dependurou na ponta do corrimão lustrado. Isaac estava olhando para ela e a expressão dele era de alguém que se divertia com aquela situação.

– O quê? – indagou Erika.

– “Oi, Isaac”. Isso seria um bom começo. Depois você poderia perguntar se o meu Natal foi bom.

– Desculpe – ela falou, recuperando o fôlego e livrando-se dos sapatos. – Oi! O seu Natal foi bom? – disse inclinando-se e o abraçando. Ele era magro e Erika sentiu as costelas do amigo.

– Não muito. Me lembre de nunca mais passar um feriado em um lugar tão... remoto.

Eles foram à cozinha, Erika sentou-se a uma pequena mesa de jantar. Isaac foi até o fogão Aga azul-escuro e, usando um pano de prato, agachou-se e abriu uma das portas.

– Para onde você foi mesmo? Tailândia?

Ele recuou quando o vapor saiu pela porta.

– Não, para as Maldivas. Seis cabaninhas empoleiradas em um dedo de areia rodeado por quilômetros intermináveis de oceano. Li todos os livros que levei e ainda faltou.

– Tinha alguém interessante com quem conversar, ou...?

Ele negou com a cabeça e disse:

– Só casais. Cinco empresários russos com as esposas. As mulheres tinham feito tanta cirurgia plástica que quando iam tomar banho de sol eu achava que eles iam ter que espetá-las com um garfo.

Erika deu uma risada. Ele fechou o forno, foi a um armário e pegou duas taças de vinho.

– Tinto ou branco?

– Tinto, por favor – escolheu Erika, colocando a pasta sobre a mesa da cozinha.

– Como foi o seu Natal? – ele perguntou.

– Bom. Foi ótimo ver minha irmã e as crianças. O marido dela continua metido em todo tipo de negócios escusos, e ela está se sentindo aprisionada... Mas acho que a Lenka nunca vai se separar dele.

– O que ele acha da cunhada ser policial?

– Na verdade a gente se dá muito bem. Sou só uma cidadã comum lá no meu país, e ele falou que a minha *kapustnica* é a melhor.

– O que é isso?

– Uma sopa de carne e repolho que servimos no Natal. Sopa é um prato principal na Eslováquia.

– Você devia fazer para mim uma hora dessas. – Sorriu Isaac, pondo uma taça de vinho tinto diante dela. Erika deu um golinho e sentiu esquentar seus ossos gelados. – Enfim, como eu falei pelo telefone...

– Erika, quando foi a última vez que você comeu?

– Café da manhã.

– O quê?

– Biscoito...

– Tsc, tsc, tsc... – Ele meneou a cabeça. – Um exército só marcha de barriga cheia. Você se acha um exército de uma mulher só, então devia pelo menos comer adequadamente. Vamos jantar, depois falamos desse caso.

– Mas Isaac, esse caso...

– Pode esperar. Estou faminto e, pelo visto, você também. A gente come, depois eu te dou atenção.

Ele estendeu a mão, colocou-a sobre a pasta e, em vez de deixar Erika pegá-la, entregou-lhe um prato quente.

– Okay, mas você sabe que eu como depressa. – Ela sorriu.

Depois de uma refeição deliciosa em que foi servido torta de batata com cordeiro e verduras ao vapor, Isaac lavou os pratos e Erika voltou a ter a custódia da pasta. Acomodaram-se à mesa e a detetive usou o conteúdo dela para explicar o caso ao amigo.

– Joguei os dados do assassinato de Lacey Greene no sistema para tentar encontrar similaridades – disse. – E este caso apareceu nos resultados: 29 de agosto do ano passado, o corpo de Janelle Robinson, de 20 anos, foi encontrado na Chichester Road, em Croydon. – Erika pegou uma foto da cena do crime e a deslizou pela mesa para Isaac. A garota na foto estava deitada de lado em uma caçamba de lixo. Assim como Lacey, tinha cabelo castanho comprido, estava nua da cintura para baixo, e seu rosto, muito espancado, tinha os olhos fechados de tão inchados.

– Espere aí, estou me lembrando desse caso – comentou Isaac.

– Deveria mesmo. Foi você que fez a autópsia.

Ele a encarou, depois puxou a pasta pela mesa e começou a examinar os documentos.

– Sim. Estou lembrado. Uma contusão na parte de trás da cabeça, na maçã do rosto e no osso orbital, a vagina tinha sido mutilada, e a artéria femoral, cortada – disse ele. – Embora eu ache que destroçada seria um termo mais adequado. O local em que a artéria se encontra com a virilha parecia ter sido talhado grosseiramente...

– Mas o relatório da polícia questiona se foi um jogo sexual que deu errado – comentou Erika.

– Eu não escrevi isso. Escrevi?

– Não, foi o chefe da investigação que escreveu. Um tal de Detetive Inspetor Chefe Benton, ele se aposentou três semanas depois.

Isaac ergueu o rosto para Erika novamente com os olhos arregalados. Levantou uma foto escolar de Janelle Robinson, tirada quando tinha cerca de 16 anos. Era uma jovem de rosto rosado com pequenos olhos azuis penetrantes e cabelo castanho comprido. Ela sorria para a câmera e usava uma blusa azul de uniforme bordada com a insígnia de sua escola, a Salt Academy. A costura era rodeada por um círculo de folhas de cardo.

– O sistema não sinalizou o caso de Janelle quando inseriram os dados de Lacey Greene? – Isaac questionou.

– Não. Nunca deram queixa do desaparecimento de Janelle Robinson.

– Por quê?

– Ninguém sentiu falta dela. Não tinha família. Cresceu em um orfanato em Birmingham e se mudou para Londres quando se formou. No último ano, ela estava morando e trabalhando em um hostel no centro de Londres. A gerente foi localizada e interrogada uma semana depois de o corpo ter sido encontrado. Ela afirmou que não era incomum Janelle desaparecer durante alguns dias sem avisar. Também afirmaram incorretamente no relatório da polícia que o corpo de Janelle tinha sido encontrado em um estacionamento, mas as fotos do local do crime mostram que ela foi encontrada, assim como Lacey, em uma caçamba de lixo dentro de um estacionamento.

Isaac balançava a cabeça enquanto olhavam as fotos espalhadas pela mesa. Erika prosseguiu:

– O resto das roupas que Janelle estava usando, um top decotado e um sutiã transparente rendado, estão descritos como “provocantes” no relatório de Benton, então ele opta pela teoria de que ela devia ser uma prostituta que teve um final sórdido...

– Ao contrário de Lacey Greene, que era uma universitária bacana de classe média desaparecida – finalizou Isaac.

Eles olharam novamente para as cenas do crime de Janelle. O sutiã de renda preto e um top transparente de alcinha fina que ela vestia encontravam-se imundos e empapados de sangue. Estava

nua da cintura para baixo. Como Lacey, suas pernas estavam talhadas de cortes e muito sujas de sangue.

– Teve alguma testemunha na Chichester Road? – perguntou Isaac.

– Não, mas há similaridades extraordinárias com a cena do crime de Lacey Greene. Só que, dessa vez, a caçamba de lixo ficava no estacionamento de uma antiga estamperia, no final de uma rua residencial. O estacionamento fica encoberto pelas árvores. Uma pessoa vizinha encontrou o corpo quando foi colocar um saco de lixo na caçamba.

– Erika, a chefe da investigação está ciente disso?

– Espero que sim. Deixei três mensagens para Melanie Hudson, duas hoje de manhã, uma à tarde... Também liguei para a delegacia e avisei que deixei as mensagens. Ela não me retornou.

– Você sabe como as coisas podem virar uma loucura...

– Isaac, se essa investigação fosse minha, eu cairia matando. Isto iria para o topo da minha lista – disse Erika, golpeando o dedo nas fotos da cena do crime.

Isaac voltou a folhear o relatório.

– As moscas já estavam no corpo, eu me lembro. Havia larvas nos ferimentos.

– Tem outra coisa. O relatório da sua autópsia está incompleto.

– Incompleto?

– Como você pode ver, a pasta está uma bagunça. Tentei entrar em contato com o detetive Benton, mas ele está passando umas longas férias no interior da Austrália.

Isaac analisou as páginas impressas.

– É, parece que está faltando uma página. Você acha que estão acobertando alguma coisa?

– Não. Dei uma verificada no histórico do Benton. Ele teve uma carreira longa e célebre. Parece que nesse caso ele foi desleixado.

– Provavelmente estava mais concentrado na aposentadoria iminente – opinou Isaac.

– Preciso saber o que contém a parte do seu relatório que está faltando. Especificamente, se os ferimentos de Janelle tinham

começado a cicatrizar e se você encontrou hematomas nos pulsos e no pescoço compatíveis com a possibilidade de ela ter sido acorrentada.

– Espere aí. Posso verificar. Tenho *backup* de todos os meus relatórios – disse Isaac, levantando-se. Ele subiu ao segundo andar e retornou momentos depois com um papel impresso. – Sim, os ferimentos tinham começado a cicatrizar, e identifiquei hematomas nos pulsos e no pescoço indicando que ela tinha sido atada com uma corrente fina.

Erika tomou o papel dele e o leu.

– Quanto tempo ainda vai conseguir trabalhar nisso extraoficialmente?

– Não muito mais – disse ela.

– Então você vai ter que passar adiante e deixar pra lá, Erika.

– Não posso.

– Mas Sparks está no comando da Equipe de Investigação de Assassinatos, e a Detetive Inspetora Chefe Hudson é subordinada a ele. O que a faz imaginar que ele vai passar o caso para você?

Erika hesitou.

– Isaac, estive pensando... Talvez eu deva pedir desculpas ao Sparks.

– Você está louca?

– Não. E se eu o procurar e botar as cartas na mesa? Peço desculpas e pergunto se não podemos passar uma borracha na nossa história. Vou falar que estou disposta botar o rabinho entre as pernas e trabalhar com ele.

As sobrancelhas de Isaac deram um salto de tanto que ele arregalou os olhos.

– Botar o rabinho entre as pernas é uma coisa que eu nunca te vi fazer. Além disso, depois de tudo o que aconteceu, você vai pedir desculpas a ele? Não é o tipo de atitude que condiz com você, Erika.

– Mas talvez tenha que ser. – Ela suspirou. – Sou tão teimosa e grosseira com um monte de gente... Talvez seja hora de mudar. Esse caso não sai da minha cabeça. *Preciso* trabalhar nele. Tudo o

que consegui com meu orgulho e minha teimosia foi ser jogada para um trabalho burocrático, aprisionada atrás de uma mesa.

– Acha mesmo que consegue passar uma borracha na história com Sparks? Você o tirou do caso sobre o assassinato de Andrea Douglas-Brown. E soltou os cachorros nele.

– Tenho que pelo menos *tentar*. O que importa para mim é achar quem fez isso com essas duas mulheres. Esses assassinatos foram sádicos e planejados... E não acho que foi Steven Pearson. O que significa não apenas que eles estão com o sujeito errado, mas que o desgraçado que fez isso ainda está solto, esperando a poeira baixar para atacar de novo.

Capítulo 11

No início da noite, Darryl Bradley desceu do trem. Frequentemente era a única pessoa a desembarcar na pequena estação nos arredores de Londres, a última parada no trajeto cotidiano do trem. Saiu da estação e caminhou até seu carro, estacionado na habitual vaga ao lado de uma cerca de arame diante de árvores e campos cobertos de neve.

Estava frio dentro do carro quando arrancou para ir embora, mantendo-se dentro do limite de velocidade ao dirigir por um vilarejo onde as lojas e casas já estavam fechadas para a noite. No final do vilarejo havia um cruzamento e o semáforo estava vermelho. Ele parou e olhou para o pub Golden Lion, que ficava no terreno gramado à direita. As janelas estavam embaçadas e levemente iluminadas. Um táxi entrou no estacionamento e garotas atraentes desceram. Uma tinha cabelo escuro e a outra era loira. Estavam arrumadas para saírem à noite, de calças jeans justas e jaquetinhas elegantes.

Um carro rugindo aproximou-se do semáforo, entrou na contramão e emparelhou com Darryl. Ele viu que era Morris Cartwright ao volante. Um homem magro de cerca de 20 anos, de cabelo preto oleoso e uma virilidade sórdida. Era empregado da fazenda do pai de Darryl. As janelas de Morris estavam abertas, e ele gesticulou para que Darryl abaixasse a dele, o que, relutantemente, fez.

– Tudo certo, engomadinho? – A gengiva acima da fileira de dentes amarelados era vermelha e cheia de saliva. Morris era bem conhecido na região. Tinha um passado problemático, mas parecia nunca ter dificuldade para conseguir mulher. Ele não era muito exigente.

– Boa noite – cumprimentou Darryl, voltando a olhar de maneira suplicante para o semáforo, que permanecia vermelho.

Morris indicou com a cabeça o estacionamento do pub e as duas garotas. A de cabelo escuro estava inclinada para dentro do

táxi pagando o motorista. A jaqueta curta tinha levantado, revelando uma pele firme cor de mel e um símbolo chinês tatuado na base da coluna. A amiga loira aguardava pacientemente ao lado e percebeu que Morris a encarava.

– O que foi? Tá querendo o meu autógrafo, porra? – vociferou.

– Que nada. Só estava admirando a tatuagem da sua amiga. O que quer dizer? – perguntou quando o táxi arrancou. A garota de cabelo escuro voltou sua atenção para Morris, fez uma análise rápida e o classificou como um fracassado.

– É “paz” em chinês – respondeu ela.

– Que legal. Gosto de ter alguma coisa para ler quando tô dando uma cagada! – disse Morris, mexendo o quadril com força para cima e para baixo ao volante e botando a língua para fora. O semáforo ficou verde e, soltando uma gargalhada alucinada, ele saiu cantando pneu.

Darryl ficou sem reação, encarando as garotas.

– Tá olhando o quê? Fracassado de merda! – xingou a de cabelo escuro antes de sair pisando duro. A loira mostrou o dedo do meio para ele e seguiu a outra.

O rosto de Darryl estava queimando quando alguém buzinou atrás dele e lhe deu um susto. Uma van branca arrancou, passando a mil, e gritos abafados ecoavam enquanto as lanternas traseiras desapareciam em meio às árvores em uma esquina.

O semáforo voltou a ficar vermelho. A rua estendia-se escura em ambas as direções, mas Darryl resolver aguardar. Inclinou o retrovisor e observou atentamente a palidez de seu rosto gorducho, com olhos pequenos e sem graça, coberto por um cabelo castanho-acinzentado. Teve a sensação de que ele não lhe pertencia. O verdadeiro ele, um homem jovem, fascinante e viril estava bem no fundo daquele fracassado ordinário. Pensou na garota de cabelo escuro novamente: sua beleza era exótica, mas era gostosa.

Certa vez, Darryl perguntou ao pai por que ele tinha contratado Morris. Isso tinha sido alguns anos atrás, quando Darryl também trabalhava na fazenda. Morris estava sempre

metido em problemas com a polícia e tinha acabado de pagar fiança para sair da cadeia por ter tentado violentar várias jovens polonesas que trabalhavam na colheita de morangos.

– Ele, no fundo, é um bom rapaz e trabalha duro. É um ordenhador bom pra caralho – seu pai respondeu sem meias palavras. – Você bem que podia seguir o exemplo dele.

– Mas ele tentou estuprar aquelas garotas!

– Não foi bem assim, Darryl. Ele só está agindo como um rapaz! E jovens cometem erros.

Parecia que o pai admirava a força e a masculinidade de Morris, e isso o magoava, pois, em comparação, ele o enxergava como um fracassado.

Darryl viu que a rua e o estacionamento estavam vazios. O semáforo ficou verde, ele engatou a marcha e arrancou. A última parte de sua viagem era pelas pistas sinuosas e escuras da área rural. O céu havia clareado pela primeira vez em dias, e o luar banhando a neve nos campos que o rodeavam era simplesmente deslumbrante. Apagou o farol, diminuiu a velocidade e desfrutou da vista. Passou por duas casas com as janelas escuras e desceu uma ladeira íngreme que fazia uma curva para a esquerda. Reduziu a velocidade e chegou a um grande portão de ferro, que abriu automaticamente, adentrando-o no momento em que a neve recomeçou a cair. Percorreu a entrada de cascalho, passou por um lago ornamental, pelo casarão de fazenda, cujas janelas brilhavam convidativamente, e ele entrou sob o teto de plástico da garagem.

Paralisou ao ver o carro de Morris estacionado atrás do Jaguar de sua mãe e da 4 × 4 salpicada de lama do pai. Darryl travou o carro e foi à porta dos fundos. Ao abri-la, ouviu uma salva de latidos. Foi ao vestíbulo e um enorme cachorro branco com manchas pretas se aproximou saltitante.

– Ei, Grendel – ele cumprimentou quando o cachorro começou a lambar sua mão. Era uma dálmata com staffordshire terrier, uma mistura que lhe proporcionava altura e força bem como cara

e mandíbula grandes. Seus olhos azuis possuíam uma certa inexpressividade, como se fossem de vidro.

Alguém deu descarga atrás de uma porta adjacente e a mãe dele apareceu. Era uma mulher baixa e roliça, de cabelo pouco acima dos ombros com um tingimento um pouco escuro demais para sua idade avançada. Seus olhos estavam injetados.

– Dia bom no trabalho? – ela perguntou com a vozinha aguda enquanto Darryl tirava os sapatos e os encostava na parede. Estavam limpos e engraxados em comparação com a fileira de botas enlameadas.

– Por que Morris está aqui? – ele devolveu a pergunta.

– Coisas da fazenda – respondeu ela dando de ombros, contornando Grendel cautelosamente e indo para a grande e bagunçada cozinha, que dava para a porta do escritório. Atrás dela ressoavam gargalhadas rouquenhas.

– Quer tomar o seu chá? – perguntou ela, abrindo a gaveta de talheres.

– Quero, estou faminto – aceitou. Grendel foi até sua tigela, começou a beber água e a medalhinha de identificação na coleira ficou retinindo no metal.

A porta do escritório foi aberta e o pai de Darryl, John, saiu com Morris. Ambos riam.

– Ô, Mary, dá o resto daquela torta para o Morris – disse John, dando não mais do que uma olhadela para Darryl. Ele era um homem alto, largo, de rosto castigado pelo tempo e a cabeça inteiramente tomada pelos cabelos brancos. Darryl olhou para a mãe, porém ela já estava tirando o prato fumegante de torta do fogão. – Um belo rango vai cair bem pro Morris, ele trabalhou o dia todo na terra do Colin Harper – acrescentou John.

Morris sorriu, deixando à vista a gengiva suja e pegajosa, deu uma puxada para cima na calça jeans em seus quadris esqueléticos e disse:

– E a Sra. Harper não alimenta a gente igual à senhora.

– É, mas ela tem outras qualidades – comentou John dando uma piscadela, e os dois riram de novo.

- Esse jantar aí é meu - reclamou Darryl com uma vozinha fraca.

- Você ficou sentado nessa bundinha gorda o dia todo. Morris trabalhou na terra de quatro fazendas - disse John, cravando nele os frios olhos azuis.

- Vou colocar isto na mesa para você, Morris - disse Mary. Darryl olhou para a mãe, mas ela evitou o rosto do filho e passou pela porta, levando o prato fumegante para a sala de jantar.

- Aiii. Olha só essa carinha gorducha - disse Morris, aproximando-se de Darryl e agarrando-lhe as bochechas com uma das mãos.

- Igual à mãe dele - murmurou John, seguindo Mary até a sala de jantar.

Morris manteve a mão no rosto de Darryl.

- Faz cuco - disse ele abrindo um sorriso. - Faz cuco! - Darryl entrou em pânico e tentou se soltar da mão de Morris, mas ele o segurava com força. - O meu irmão fazia isso comigo, a gente chamada de Cuco. Você aperta a bochecha e, olha, a linguinha rosa pula pra fora. Olha ela aí!

- Anda Morris, está esfriando! - gritou John da sala de jantar.

- Estou indo, John - respondeu ele antes de virar-se novamente para Darryl, que estava com a língua rosada aparecendo entre os dentes. - Depois ele me fazia sentir o gosto do dedo dele... - acrescentou, encostando a ponta do dedo indicador imundo na língua do rapaz. Inclinou-se para a frente e Darryl sentiu seu hálito rançoso quando sussurrou - Está sentido o gostinho? Estava enfiado na minha bunda...

Grendel saiu de onde estava bebendo água, atacou Morris e cravou os dentes na panturrilha esquerda dele. Morris gritou e soltou Darryl, que tombou na bancada, cuspiendo na pia e esfregando a boca. John voltou à cozinha ao som dos gritos de Morris.

- Darryl! Tira essa porcaria desse cachorro dele, agora! - berrou. Mas Grendel mantinha-se agarrada com força, olhando na direção de Morris. - Darryl, manda soltar!

– Grendel, calma, menina, calma – disse Darryl. Ela soltou a perna e começou a latir. Morris deu um berro e agarrou a perna da calça. O tecido estava ficando ensopado de sangue.

– Tira essa bosta desse animal daqui e, Mary, vem cá arranjar um antisséptico para o Morris, rápido! – disse John.

Grendel não parava de latir, Darryl a tirou dali e a levou para o vestíbulo. No momento em que fechou a porta, a cadela se acalmou. Ele ouviu através da porta o pai gritando com a mãe. Aproximou-se dos casacos pendurados na parede e pegou um biscoitinho canino em um dos bolsos e o deu a Grendel, que o engoliu inteiro e latiu querendo outro.

– Quietinha... quietinha... Você é uma boa menina, Grendel – elogiou, dando-lhe mais um biscoito. Ele acariciou a cabeça branca, que ergueu os olhos inexpressivos enquanto lambia sua mão com a língua áspera. – Fique esperta com o Morris. Ele é um cara mau. Tome cuidado.

Capítulo 12

Erika saiu da casa de Isaac pouco antes das 9 horas. O céu estava limpo, porém fazia muito frio e ela permaneceu sentada dentro do carro alguns minutos, aguardando o aquecedor esquentar. Pretendia ir embora, tinha prometido a Isaac que iria direto para casa e teria uma bela noite de sono, mas foi tomada novamente pela ideia de conversar com Sparks. Ela o ouviu dizer, certa vez, de um lugar que havia comprado com a esposa em Greenwich, uma região próxima de Blackheath.

Olhou novamente para a casa de Isaac e viu que ele a observava da janela, para certificar-se de que ela chegaria em casa em segurança. Ligou o carro e acenou para ele ao dar partida. Assim que virou a esquina, no entanto, parou e ligou para a sala de controle da delegacia Bromley. Ao desligar, olhou para o relógio no painel.

– Vale a pena arriscar – disse, antes de ligar o carro e arrancar novamente.

O Superintendente Sparks morava em uma casa decadente em uma área abastada. Erika estacionou no fim da rua e caminhou cem metros até a casa. Ao se aproximar do portão, viu que a luz da sala da frente estava acesa, mas vazia. Havia uma bandeja de tinta com um rolo ao pé da escada apoiado na parede bege que estava sendo pintada de azul-claro. Erika percorreu o pequeno caminho da entrada, passou diante da janela com uma iluminação fraca e foi envolvida pelas sombras do recuo diante da porta. A luz da entrada estava apagada e, quando levantou a mão para tocar a campainha, ouviu gritos lá dentro.

– Ele foi embora há muito tempo... Ele não ia ficar zanzando por aqui, ia? – gritou uma voz feminina.

– Então você fez isso. Você admite? – respondeu uma voz masculina. Sparks.

– Admito! FIZ, SIM, e foi ÓTIMO!

– Você é tão clichê – berrou ele.

– Sou O QUÊ?

– CLICHÊ! Com o pintor e decorador!

– E daí? Ele fez eu me sentir viva! Ter um diploma chique em criminologia não faz de você um homem que sabe meter! Ele me comeu como um homem de verdade! – a voz histérica da mulher era estridente.

Erika retraiu-se, mas estava paralisada. Os gritos se transformaram em murmúrios e ela se esforçou para ouvir.

– Quantas vezes? – perguntou Sparks.

– Quantas vezes eu *dei* pra ele? – berrou ela. – Um MONTÃO! Na nossa cama. NA SUA CAMA!

– Por que esse frasco está vazio?

– O quê? Não sou suicida. Longe disso!

– Você pegou essa receita na semana passada – disse Sparks. Sua voz parecia desesperada.

– Eu não me arrependo. Você está ME OUVINDO?! EU NÃO ME ARREPENDO! EU NÃO TE AMO MAIS, ANDY!

Silêncio. Erika nunca tinha ouvido o primeiro nome de Sparks. Sabia que tinha que ir embora, mas ouviu o barulho enorme de algo se quebrando e o tilintar de vidro. A porta da frente foi aberta.

– Sua vadia louca! – Sparks gritou, olhando para trás. Virou-se, estava de calça jeans, blusa e jaqueta de couro, parou e ficou encarando Erika. O ombro esquerdo estava molhado com o que parecia ser leite. Uma mulher pequena de cabelo escuro apareceu atabalhoada atrás dele. Seus olhos estavam alucinados e o cabelo, desgrenhado. Ela atirou um saco de farinha em Sparks, mas errou e ele explodiu na parede.

– Quem é essa merda dessa piranha magrela? – perguntou, apontando para Erika, que estava saindo pelo portão. – É, vai lá, fode com ELA!

A mulher correu na direção de Sparks e o empurrou com força para fora e bateu a porta. Ressoaram os barulhos dela fechando as trancas e a corrente.

Sparks passou por Erika com passos duros e foi para a calçada.

– Você está bem? – ela perguntou, seguindo Sparks. O leite escorria da jaqueta com um brilho alaranjado sob a luz dos postes e pingava da bainha.

– O que diabos você está fazendo na minha casa? – perguntou, ainda caminhando.

– Vim por causa do caso... do caso em que vocês estão trabalhando.

– E você acha que esta é uma boa hora?

– Não acho, não. Não sabia que você estava tendo...

Sparks parou de supetão e se virou. Erika quase trombou nele.

– Isso deve ser engraçado para você, Erika. Não é mesmo? Está se divertindo?

– Não. E não sei se este comentário vai servir para alguma coisa, mas sinto muito. – Ela vasculhou a bolsa, pegou uns lenços umedecidos e, apontando para o leite, entregou a ele.

Sparks os pegou e tentou limpar o ombro com a mão oposta, mas não conseguiu alcançar. Erika pegou outro lenço no pacote e ficou surpresa por Sparks permitir que ela limpasse o leite.

– Ela tem problema há anos... Aquilo foi o álcool, não ela – ele explicou. Sob a luz dos postes, seu aspecto era fantasmagórico. Os olhos estavam com olheiras profundas e as maçãs do rosto, fundas. Erika continuou a esfregar a barra da jaqueta dele. – Você entende? Ela está doente.

A jaqueta ficou limpa. Erika embolou os lenços e disse:

– Entendo.

Faróis apareceram na esquina e um carro passou por eles lentamente. Sparks desviou o rosto da luz. Quando o veículo passou, ele virou o rosto novamente.

– Por que você veio à minha casa?

– É sobre o assassinato de Lacey Greene.

– O quê?

– A garota que foi encontrada na caçamba de lixo, perto de New Cross.

– Melanie já prendeu alguém por isso, um vagabundo de rua. Foi pego com a carteira dela. Temos duas testemunhas...

– Sim, mas eu achei outro caso e eles têm similaridades, quer dizer, não são só similaridades. O método de assassinato é exatamente o mesmo... – Ela vasculhou a bolsa e pegou a pasta. – Estou falando sério. Olha só, podemos fazer isso em outro lugar? – Ele ficou olhando para ela durante um longo momento.

– Por favor. Só quero te dar uma informação para que o caso possa ser solucionado.

– Tem um pub no final da rua. Você paga – ele disse, antes de se virar e começar a andar.

Erika o acompanhou, convencida de que ele tinha aceitado mais porque precisava de uma desculpa para beber do que porque queria conversar com ela.

Capítulo 13

O pub era pequeno e aconchegante, tinha uma mobília velha e surrada e adornos de metal usados em arreios de cavalos decoravam as paredes escuras. Encontraram um canto tranquilo, longe da partida de dardos e da tela grande que transmitia esportes. Erika levou uma cerveja para cada um e ficou surpresa por Sparks ouvir o que ela tinha a dizer.

Quando Erika terminou, ele analisou o relatório diante de si na mesa lustrada, tomando cuidado para esconder as fotos da cena do crime de um camarada grande que jogava dardos que caminhou com passos pesados em direção ao banheiro.

– A primeira coisa que precisamos fazer é confirmar onde Steven Pearson estava quando Janelle Robinson desapareceu – afirmou Erika. – Precisamos descartá-lo, porque, como eu disse, não acho que ele foi capaz de planejar o sequestro. Eu gostaria de ver todos os registros telefônicos de Lacey, as redes sociais...

– Calma aí, calma aí. Melanie foi designada a chefe do caso. Não vou substituí-la. Ela trabalhou duro e é uma policial boa pra cacete. Concordei em tomar uma cerveja e te escutar – cortou ele, apontando para os últimos goles de bebida.

– Okay. Eu gostaria de dar apoio, de me envolver como assessora. Você sabe que tenho experiência em casos como esse.

Sparks recostou-se, passou a mão no cabelo e perguntou:

– Você não tem um pingão de orgulho?

– Fiz muita merda e agora estou estagnada naquele marasmo. Só ligo para patente quando ela pode me ajudar a resolver as coisas. – Erika virou a segunda metade de sua cerveja de uma vez.

Sparks abriu um sorriso. Era uma imagem esquisita. Ele tinha dentes pequenos e tortos que davam ao rosto um lampejo de diabrura infantil.

– O caralho! – disse ele, quase simpático. – Você podia ter me matado quando fui promovido no seu lugar.

– É. Podia mesmo.

Sparks bebeu o resto de sua cerveja, depois recostou-se e cruzou as mãos sobre a barriga.

– Não sei se vale a pena...

– Eu te garanto que vai valer a pena. Vou trabalhar com Melanie. Vou ser obediente...

Ele meneou a cabeça e explicou:

– Estou falando da patente. Superintendente. Não sei se vale a pena. Estou supervisionando dezoito casos agora. O pessoal do alto escalão está enxugando o orçamento até o osso, e tudo que fazemos é de domínio público.

– Mas nós somos servidores públicos...

– Servidores? Não me venha com essa merda! – xingou ele, batendo na mesa. – Você sabe como a banda toca. Temos que resolver as coisas, e nem tudo são flores. Temos que tocar o terror com certas pessoas, senão o serviço não sai, mas agora todo escroto por aí tem um telefone celular com câmera. Eles postam as coisas na internet, aí tudo quanto é palpiteiro cai matando. No mês passado, um policial da minha equipe parou um carro suspeito para fazer uma revista e foi agredido. O moleque tinha um quilo de heroína no porta-luvas. Ele bateu no policial com um pé-de-cabra, quebrou o braço dele, depois tentou fugir, mas tinha esquecido que o policial de braço quebrado estava com a chave do carro. Quando percebeu que estava encurralado, o moleque começou a filmar o policial que arrombou a janela da frente com uma ferramenta e o arrastou para fora do carro. O vídeo só dessa parte foi parar no YouTube, e o pessoal do alto escalão está comendo o meu rabo porque não para de aparecer postagens reclamando da truculência policial! Esse agente é um bom rapaz, sempre faz tudo de acordo com o protocolo, mas o testemunho verdadeiro dele sobre o que aconteceu não é tão importante quanto a filmagem de um telefone celular que está no YouTube! Sabe o que a Comissária Assistente falou?

Sparks estava alvoroçado, com os punhos cerrados.

– Posso imaginar que não foi nada de útil– respondeu Erika.

– Porra, você está certíssima, não foi nada de útil: “Cinquenta mil pessoas curtiram o vídeo e fizeram comentários, ele foi compartilhado milhares de vezes no Twitter” – ele imitou a voz da comissária em falsete. – Que raio de mundo é esse em que um zé-mané qualquer, em casa e a um clique de bater uma punheta vendo pornografia, ou de comprar um sapato on-line, está formando a opinião pública? Pior ainda, está influenciando a opinião dos nossos superiores! Distorcendo a realidade!

Sparks recostou-se, tremendo de raiva. Seu rosto ainda estava pálido, porém dois círculos vermelhos queimavam suas bochechas. Ele tossiu, se contraiu, virou a última gota de cerveja e se contraiu novamente.

Erika levantou e pegou mais uma rodada. Quando voltou, ele estava tendo outro acesso de tosse.

– Obrigado – disse, dando uma golada.

– Quero pedir desculpas – falou Erika. Sparks se recostou e olhou para ela. – Me desculpe por tudo o que aconteceu entre nós. Eu devia ter me comportado melhor quando vim para Londres e assumi o caso de Andrea Douglas-Brown. Ele era seu. Eu fui sacana.

– Você foi sacana. Eu fui um filho da mãe – ele comentou dando um sorriso pesaroso. – É assim que o mundo gira.

– Eu só quero pegar esse assassino, Andy. Sim, eu tenho orgulho. Orgulho de levar as pessoas à justiça. Não faço isso por mim mesma. Vou trabalhar na sua equipe. A gente pode estabelecer um período de experiência; vou trabalhar subordinada à Melanie no inquérito, apesar de termos a mesma patente. Não posso mais ficar trabalhando na Equipe de Projetos, preenchendo formulários.

Sparks tomou outro gole e ficou observando dois caras grandes absortos em sua partida de dardos.

– Para ser honesto, sinto que lutei por um prêmio que não vale a pena.

– Pelo menos a grana é boa – contemporizou Erika.

– E estou prestes a ver cada centavo desaparecer. Divórcio. Seguido de batalhas judiciais... – virou o resto da cerveja.

– Sinto muito.

– Não é sua culpa. Olha só, vou conversar com a Melanie e ver o que podemos fazer. Okay?

Erika concordou com um gesto de cabeça e respondeu:

– Okay.

– Agora preciso ir para casa – disse ele.

Os dois saíram, tinha começado a nevar de novo. Sparks levantou a gola para se proteger do vento.

– Vá à reunião amanhã de manhã – disse ele. – Eu te passei a bola. E Melanie é quem vai decidir se te quer na equipe dela.

– Consigo dar um jeito nisso.

Um carro com o para-lama cheio de neve suja passou devagar. Sparks desviou o rosto e não virou novamente até ele estar bem distante na rua.

– O que foi? – perguntou Erika.

– Você já viu aquele carro?

– Não.

– Mais cedo, pouco antes de irmos para o pub?

– Acho que não. Por quê?

Com os olhos semicerrados, ele olhou para o lugar onde o carro tinha virado para sair da rua.

– Tenho a impressão de que já o vi três vezes nos últimos dias.

– Acha que estão te seguindo?

Ele estava ainda mais pálido e extenuado do que antes de entrarem no pub. Seus olhos examinavam a rua vazia. Sparks viu que Erika o observava atentamente e mudou de assunto.

– A sua delegacia te libera? Não tenho tempo para ficar de conversinha mole com o seu superintendente.

– Acho que para o meu superintendente tanto faz se eu estou lá ou em qualquer outro lugar.

– Okay. West End Central amanhã, 9 horas.

– Obrigada, Andy.

– Segura a onda aí. Não quero que a gente acabe gostando um do outro de verdade – disse, antes de despedir-se com um aceno de cabeça e sair andando em direção ao seu lar infeliz. Erika ficou observando, sentindo um misto de raiva e alívio. Sparks não tinha feito o mesmo que ela e também se desculpado, mas sentia-se satisfeita por estarem seguindo em frente e por ter conseguido uma oportunidade de trabalhar no caso.

Capítulo 14

Na manhã seguinte, Erika pegou o trem para Charing Cross, saiu da estação com um tropel de gente e foi envolvida pelo ar frio. A multidão diminuía à medida que a detetive atravessava a Trafalgar Square. Tinham limpado a neve da praça, com exceção dos gigantes leões de bronze que pareciam usar peruquinhas brancas. Quando chegou à Leicester Square, então à Chinatown, restava apenas um punhado de turistas que haviam madrugado e pestanejavam diante da fosca manhã cinzenta. Chegou à Delegacia de Polícia West End Central. Era um prédio quadrado de concreto do pós-guerra, enfiado em uma rua pequena no final do Soho, cheia de prédios comerciais sendo reformados. Mostrou seu distintivo na recepção e foi até o quinto andar em um elevador que, ao abrir, deu de frente para uma grande porta em que estava escrito: EQUIPE DE INVESTIGAÇÃO DE ASSASSINATOS.

Ela respirou fundo e hesitou diante da porta. Faria mesmo aquilo? Tinha dito, na noite anterior, que não ligava para patente, mas não estaria se arriscando demais ao trabalhar com Sparks naquele caso? Esse questionamento manteve Erika acordada a maior parte da noite, porém a imagem de Lacey Greene e a de Janelle Robinson não saíam de sua mente, seus corpos desovados em caçambas de lixo... E as circunstâncias de Janelle a impactaram profundamente. Uma garota que nasceu sem nada, atravessou a vida sem nada, e até na morte foi tratada como nada. *Outra garota desgovernada aparece morta. Terrível, medonho, mas merdas acontecem, caso encerrado.*

Foi uma atitude similar que a deixou tão ressentida logo que chegou ao Reino Unido com um visto para trabalhar de *au pair*. Seu salário era uma merreca, e a postura geral era a de que pessoas do Leste Europeu não valiam tanto quanto as do Oeste. *Somos pessoas descartáveis*, uma garota polonesa tinha lhe

dito na longa viagem de ônibus através da Europa. Foi por isso que, nos anos posteriores, Erika tinha se esforçado para conseguir promoções na polícia, para mostrar que era uma pessoa valiosa. Que não era descartável.

Ainda não tinha certeza de sua decisão, mas empurrou a porta e entrou. Era uma sala ampla de plano aberto, onde vários grupos de mesas ficavam separadas por divisórias de vidro. Ela caminhou por equipes de trabalho e, em uma delas, o oficial passava informações de um caso: imagens em um quadro atrás dele mostravam uma fileira de corpos queimados, e em fotos tiradas mais próximas de cada um deles, eram visíveis os rostos derretidos que pareciam máscaras tostadas de dor.

Erika se aproximou de uma jovem policial na fotocopidora.

– Estou procurando o Superintendente Sparks.

– Lá no final.

Erika agradeceu, seguiu em frente, e enquanto caminhava, conseguia ver pela janela imponentes telhados cobertos de neve, e o céu pairando cinzento sobre os prédios como uma placa de ardósia. Quando chegou ao final da sala, viu Sparks de pé diante de uma série de quadros-brancos grandes, rodeado por uma equipe de dez policiais. Pilhas de arquivos de casos estavam empilhadas ameaçadoramente ao lado dele. Erika reconheceu o caso sobre o qual falava: um triplo homicídio em um pub de North London. Sua aparência era horrível, estava exausto e abatido, apoiado no canto de uma mesa, usando a mão livre para enfatizar seus argumentos. Viu-a ao fundo, cumprimentou-a com um breve movimento de cabeça, e continuou falando.

– Como eu disse, a família vai apertar o cerco muito rápido, e o histórico deles é da pesada. Preciso que confirmem a movimentação deles antes de separá-los para interrogatório.

Quando saiu na direção de uma fileira de portas de vidro na ponta, a equipe disparou a conversar. Erika se apressou para alcançá-lo.

– Entrei em contato com Melanie ontem à noite – falou ele. – Passei tudo o que conversamos. Ela agora está investigando a

morte da... da...

– Janelle Robinson – completou Erika.

– Isso. Ela foi para Croydon dar uma olhada no local em que o corpo foi encontrado e falar com os vizinhos.

– Você vai informar a equipe dela sobre o meu envolvimento no caso?

– Vou. Hoje à tarde. A informação que você deu tinha que ser confirmada, por isso reagendamos. Volte às 4 horas.

Ele chegou a uma porta de vidro fosco, entrou e começou a fechá-la. Erika estendeu a mão, impedindo-o.

– Andy, falei sério ontem à noite. Vou trabalhar com você, mas, por favor, sem ficar fazendo joguinhos.

Ele a encarou. Seus olhos estavam injetados.

– E eu te falei que estou atolado de serviço. Você sabe como a banda toca, as coisas mudam. E Melanie e a equipe dela tinham que dar prosseguimento ao que você me trouxe. Só podemos manter Steven Pearson preso mais 24 horas, aí vamos ter que indiciar ou soltar o cara.

– E ela não podia ter me ligado antes de eu vir para Londres? – zangou-se Erika.

– O que você quer que eu faça?

– Me ponha no caso agora. Não quero ficar à toa o dia todo.

Ele a encarou novamente com aqueles olhos injetados, gesticulou para que ela entrasse na sala e fechou a porta.

– Obrigada – disse Erika.

Sparks foi até umas prateleiras abarrotadas de arquivos. Esfregou o braço esquerdo e começou a revirar as coisas em busca de uma embalagem de analgésicos. Sua pele parecia ter perdido o pouquinho de cor que lhe restava e ele começou a suar frio. Tirou dois comprimidos rasgando o papel-alumínio e os engoliu sem água, estremecendo. Começou a movimentar a mão na direção do telefone na mesa, mas hesitou, rangendo os dentes de dor.

– Você está bem? – perguntou Erika, aproximando-se da cadeira em frente à mesa dele.

– Jesus! Parece que eu estou bem, cacete? – Ele pairou acima do teclado do telefone, respirando fundo. – Qual é o número dela mesmo?

Começou a dar a volta na mesa, mas ficou tonto. Tentou se apoiar na quina, mas seu braço cedeu e ele desabou de cara no carpete.

– Puta merda! – gritou Erika, dando a volta na mesa depressa. Virou-o de barriga para cima, ele estava engasgando, respirando com dificuldade e ruidosamente, seu rosto minava suor. Sparks agarrou o braço esquerdo e começou a puxar com força a gola da camisa.

– Meu peito... Não consigo... respirar. Meu braço, a dor – chiou ele. Seus olhos injetados de sangue se estufaram de maneira hedionda.

Erika desabotoou depressa o colarinho da camisa dele e afrouxou a gravata. Sentou-o cuidadosamente, apoiando-o na beirada da mesa.

– Preciso que você fique calmo e respire – orientou ela.

Ele agarrou o próprio braço esquerdo, suando e tremendo. Erika tirou o comprido casaco de couro que usava e o cobriu com ele. Sparks gemia e chiava e a saliva começou se acumular nos cantos de sua boca.

– Por favor, me ajude – implorou, sem ar.

Erika avançou à mesa e pegou o telefone, achando estranhamente irônico ter que ligar, de uma das maiores delegacias de polícia do centro de Londres, para a emergência.

– É um policial – disse quando atenderam. – Acho que está tendo um ataque cardíaco. – Ela passou todas as informações, depois bateu o telefone com força e voltou correndo para Sparks, que havia adquirido uma cor cinza cadavérica e espumava pela boca.

– Aspirina, Andy, você tem aspirina?

Ele tossiu e uma rala nuvem de espuma preencheu o ar. Erika foi à prateleira em que ele deixava os analgésicos, mas só tinha paracetamol. Então começou a revolver as gavetas da mesa.

Sparks tentou se levantar, havia suspenso metade do corpo, mas as pernas fraquejaram, inúteis, e ele deslizou para baixo novamente, batendo a parte de trás da cabeça na quina da mesa.

– Por favor, fique quieto, a ambulância está vindo – disse Erika, se agachando ao lado dele. Ela colocou o casaco sobre ele novamente, em seguida correu à porta da sala, abriu com um puxão e gritou:

– Preciso de ajuda aqui! Sparks está tendo um ataque cardíaco.

Rostos viraram para ver o que estava acontecendo, meramente curiosos.

– O Superintendente Sparks teve um colapso. É um ataque cardíaco. Preciso de ajuda! – berrou ela.

De repente, todo mundo se levantou e dois policiais dispararam na direção dela, seguidos por um dos policiais a quem Sparks tinha se dirigido minutos antes.

Erika entrou novamente na sala e sentiu o sangue latejando nas orelhas ao se virar e ver que Sparks havia desabado e estava caído de lado no carpete. Aproximou-se dele e o deitou de costas cuidadosamente. Seus lábios começavam a ficar azuis. Ele ergueu o rosto na direção dela, com medo nos olhos.

– Minha esposa... Fale pra ela... que eu a amo... O dinheiro na nossa conta... vai ser congelado – ele gemeu.

– Andy, você vai ficar bem, está me ouvindo? – disse Erika.

A sala se enchia de policiais que se aglomeravam ali inutilmente e ficavam observando. Ele levantou o braço e agarrou o dela, porém despencou novamente e bateu no carpete.

– Não! – gritou Erika, quando o restinho de cor que Sparks tinha no rosto começou a desaparecer. – Alguém aí! Descubra onde a ambulância está!

Ela abriu mais dois botões da camisa de Sparks, deixando o peito exposto. Inclinou a cabeça para trás e começou os procedimentos de reanimação cardiorrespiratória. Fazia compressões, depois se abaixava e soprava na boca do Superintendente.

– Ele vinha dizendo que estava se sentindo doente... – disse alguém atrás de Erika, que contava quinze compressões no peito.

– Conheço Sparks há um ano e ele sempre me pareceu doente – comentou outra pessoa.

Erika se abaixou e soprou na boca novamente. O peito de Sparks suspendeu, mas o rosto permaneceu inanimado e lívido. Um silêncio estranho tomou conta da sala enquanto os policiais a observavam.

– Vamos lá, você é um lutador... Lute! Não pare agora!

Os olhos dele permaneceram fechados, e a cabeça balançava no carpete enquanto ela contava as compressões no peito: *treze, quatorze, quinze.*

De canto de olho, Erika viu uma foto na mesa: Andy Sparks com a esposa. Ambos agachados em um gramado num dia ensolarado com uma garotinha dando um sorriso ainda sem dentes sentada em uma motoca rosa. Ela continuou a trabalhar no peito dele, alternando com respiração artificial. Já estava suando com o esforço. Aquilo parecia não ter fim, a sala silenciosa só observava.

Finalmente, dois paramédicos de jaqueta amarela, carregando um kit de primeiros socorros, entraram na sala e assumiram, mas era tarde demais.

Eles declararam o Superintendente Andy Sparks morto às 9h47 da manhã. A ironia não passou despercebida a Erika: era uma sexta-feira 13.

Capítulo 15

Erika ficou observando Sparks ser retirado do escritório em uma maca, dentro de um saco preto. Chocada, suas pernas começaram a tremer e ela teve que se sentar ao dar seu depoimento para o guarda que chegou ao local. Era uma situação estranha, policial interrogando policial, e a desorientação sobre como lidar com a tragédia. Sparks tinha apenas 41 anos. Havia sido seu inimigo implacável até a noite anterior, e agora estava morto.

Não tinha certeza sobre o que fazer nem o que sentir quando saiu da delegacia West End Central. Um vento gelado soprava e a grande lona verde que cobria um andaime em frente balançava emitindo um lamento fúnebre. Não conhecia nenhum policial da delegacia, não havia ninguém com quem conversar. Cruzou os braços sobre o peito, sentindo o vento gelado penetrar na sua blusa fina. Sparks estava coberto pelo casaco dela quando foi colocado no saco preto e não lhe pareceu apropriado pedi-lo de volta. Pegou o celular e ligou para Peterson. O detetive disse para ela pegar um táxi e ir se encontrar com ele.

Quando Peterson a conduziu para dentro de seu apartamento quente, uma hora depois, Erika estava tremendo de frio, batendo os dentes de forma quase cômica. Ficaram na sala e ele a abraçou demoradamente, o único som era o da água enchendo a enorme banheira no outro cômodo.

– Meu Deus, Sparks está morto... Eu imaginava que ele ainda tinha tanto tempo pela frente – comentou Peterson.

– Ele tinha uma filha pequena e uma esposa que precisava dele, e a última pessoa com quem falou fui *eu*.

– Você tentou salvar a vida dele.

– Tentei. Mas não consigo imaginar alguém morrendo e a única pessoa presente para segurar sua mão ser sua pior inimiga.

Erika enxugou os olhos com as costas da mão. Tinha parado de tremer.